

# WILLYS DE CASTRO

## MULTIPLA SÍNTESE

27 de março a 30 de abril de 2015

Curadoria: Denise Mattar



Almeida e Dale

Apoio:

**minalpa**  
*Premium*

**IAC** instituto de arte  
contemporânea

# WILLYS DE CASTRO

## MULTIPLA SÍNTESE

Em 1960, Willys de Castro tornava-se conhecido no circuito de arte brasileiro com seus *Objetos Ativos*. Apresentados por ocasião da 2ª exposição de Arte Neoconcreta, realizada no Rio de Janeiro, no MEC, seus trabalhos respondiam com plenitude às proposições da *Teoria do não-objeto*, recém formulada pelo teórico do Grupo Neoconcreto, Ferreira Gullar.

*O não-objeto não é um antiobjeto mas um objeto especial em que se pretende realizada a síntese de experiências sensoriais e mentais: um corpo transparente ao conhecimento fenomenológico, integralmente perceptível, que se dá à percepção sem deixar resto. Uma pura aparência. (...) E o que se verifica é que, enquanto a pintura, liberada de sua intenção representativa, tende a abandonar a superfície para se realizar no espaço, aproximando-se da escultura, esta, liberta da figura, da base e da massa, já bem pouca afinidade mantém com o que tradicionalmente se denominou escultura.(...) Donde se conclui que a pintura e a escultura atuais convergem para um ponto comum, afastando-se cada vez mais de suas origens. Tornam-se objetos especiais – não-objetos – para os quais as denominações de pintura e escultura já talvez não tenham muita propriedade.*

Os *Objetos Ativos* são peças de madeira, como tábuas, recobertas por tela e fixadas perpendicularmente à parede, reduzindo o plano frontal da obra à espessura da madeira. Essa disposição permite ao espectador fazer um giro de 180° graus em torno da peça. No espaço restrito das paredes de uma simples ripa, Willys de Castro estende a cor, que de repente se rompe. A fração colorida perdida resvala então para a superfície de cor contígua. A precisão absoluta de cada inserção, realizada no espaço mínimo proposto pelo artista, convoca o olhar atento do espectador. Pintura, escultura, relevo de parede, objeto? Tudo isso e nada disso: algo inteiramente novo.

Para Ferreira Gullar os *Objetos Ativos* de Willys são derivados da mesma vertente inventiva de outras obras neoconcretas, como os *Relevos* de Oiticica e as *Superfícies Moduladas* de Lygia Clark. São uma resposta diferente à mesma questão: a ruptura com a superfície bidimensional da tela.

Além dessa superação do plano pelo espaço, outra questão permeia esses trabalhos de Willys de Castro: a investigação do tempo do movimento. Nas palavras do próprio autor: *“Tal obra, realizada com o espaço e seu acontecimento, ao penetrar no mundo, perturba-o e, pelo seu surgimento, deflagra uma torrente de fenômenos perceptivos e significantes, cheios de novas revelações, até então inéditas nesse mesmo espaço.(...) Contendo eventos dentro do seu próprio tempo – iniciados, transcorridos, findados, reiniciados etc. – e ali demonstrados clara, fluentemente e indefinidamente, ele inaugura-se no mundo como um instrumento de contar a si próprio.”*

Uma das estratégias mais significativas de Willys, na concretização dessa proposta, é amalgamar forma e cor, tornando-as indissociáveis. Essa ação, que infringe diretamente um dos princípios do concretismo - a submissão da cor à forma - torna o Objeto Ativo um monolito, um totem. Essa unicidade intriga o espectador, que, desafiado, se vê levado a completar o incompleto e a preencher os vazios com o movimento de seu corpo e de seu olhar. Rigor e sensibilidade se conjugam nesses não-objetos que, partindo da grade concretista, alcançam a interação com o público. Nesse aspecto a obra de Willys tem paralelo com a de Aluísio Carvão, o outro grande colorista do movimento neoconcreto.

Muitas circunstâncias, como uma participação mais constante no circuito de artes plásticas, e a própria “perenidade” da obra de arte, frente às artes cênicas, tornaram mais visível e conhecida a produção plástica de Willys. Ele, era, entretanto, um artista completo e complexo, articulando com excelência seus profundos conhecimentos em áreas diversas como música, poesia, teatro e artes gráficas. Willys era um fruto muito especial, de um momento também especial que ocorreu em nosso país.

No pós-guerra o Brasil era visto como país do Futuro, o local perfeito para implantar a utopia modernista, que se espalhava pela Europa e Estados Unidos, como a esperança de um mundo melhor. Arquitetos, urbanistas e artistas propunham a construção, através da arte, de um espaço racional, sem emoções, hedonismo ou patriotismo e a criação de uma linguagem universal. São Paulo, que se via como “a cidade que mais cresce no mundo” investiu nessa proposta. Assim, em 1947, foi inaugurado o Museu de Arte de São Paulo, no ano seguinte foi criado o Museu de Arte Moderna de São Paulo, e em 1951, realizada a I Bienal Internacional de São Paulo. No mesmo período foram inaugurados também, o Teatro Brasileiro de Comédia, a Escola de Arte Dramática, am-

bos em 1948, a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, em 1949, e a Escola Livre de Música, em 1952. Todas essas instituições contavam em seus quadros com profissionais da mais alta expressão como: Pietro Maria Bardi, Leon Dégand, Adolfo Celi, Alfredo Mesquita, Franco Zampari, Hans-Joachim Koellreuter, entre muitos outros.

É o momento fundador de uma nova sociedade, que Willys de Castro, vivenciou, como poucos, transitando em todas essas áreas. Nas palavras de Ronaldo Brito: “ele encarna a figura do ‘homem construtivo brasileiro’.

A exposição Willys de Castro - Múltipla Síntese, ora apresentada na Galeria Almeida e Dale, tem como proposta traçar algumas linhas desse múltiplo percurso, durante o qual o artista desenvolveu propostas inéditas e complexas sintetizadas numa produção pequena em quantidade de obras, mas marcada pela extrema qualidade de concepção e realização.

Willys de Castro nasceu em 1926 na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, mas, ainda em criança, sua família mudou-se para Campinas. Cedo revelou talento para as artes. Começou a estudar piano aos 4 anos, continuando sua formação com Salvador Bove. Teve aulas de desenho com André Fort. Veio para São Paulo, em 1941, para estudar, formando-se químico industrial em 1948. Exerceu por curto período a profissão, que logo abandonou para ingressar no mundo da arte, num dos seus mais fascinantes momentos. O jovem artista identificou-se de imediato com as novas linguagens contemporâneas e sua atuação, em múltiplas áreas, na década de 1950, é surpreendente.

Willys estudou piano e composição com Hans-Joachim Koellreuter e realizou algumas composições dodecafônicas elogiadas pelo mestre, como *Toada* (1949), *Crepúsculo Indefinido* (1950) e *Policromos* (1951). Esta última peça foi composta especialmente para o Quarteto Haydn de Cordas (fundado em 1935 por Má-

rio de Andrade). Em 1999, *Policromos* foi interpretada pelo Quarteto Aureus de Cordas, numa produção de Graziela Marques de Castro. A composição, nessa interpretação, pode ser ouvida na exposição. Em 1953, Willys compôs a música para o mimodrama *O Escriturário*, encenado por Luís de Lima, professor de mímica, com os alunos da EAD- Escola de Arte Dramática. Na escola de teatro trabalhava em múltiplas funções: como compositor, cantor, tradutor e artista gráfico. Esse envolvimento com o teatro o levaria a atuar como figurinista e cenógrafo para o Teatro de Arena e Teatro Cultura Artística, recebendo, em 1957, o prêmio da Associação Paulista de Críticos Teatrais.

Entre os anos 1954 e 1957, Willys participou do Movimento Ars Nova, fundado pelo maestro Diogo Pacheco, ao lado de Maria José de Carvalho, Alfredo Mesquita, Samson Flexor, Gianni Ratto e Klaus-Dieter Wolff. O repertório do Ars Nova era muito sofisticado indo de cantigas medievais a composições contemporâneas. Willys atuava como barítono e criava o design gráfico dos programas dos espetáculos. Paralelamente fazia poesia concreta publicando, em 1955, um livro de poemas. Alguns de seus poemas visuais são apresentados na exposição, como obras de arte, que são.

Em 1957, unindo seus conhecimentos em música e poesia, Willys produziu as partituras de verbalização para o Recital Concretista, realizado no dia 3 de Junho, no Teatro Brasileiro de Comédia, com poemas de Augusto e Haroldo de Campos, Ferreira Gullar, Décio Pignatari, Ronaldo Azeredo, José Lino Grünwald e Reynaldo Jardim. O recital foi anunciado como o primeiro a ser realizado no mundo, e, de fato, o protagonismo e a precedência do Brasil nessa área cada vez mais têm reconhecimento internacional. Na ocasião colocava-se a questão da impossibilidade de recitar os poemas concretos, por sua construção visual. As partituras de Willys propunham um caminho para essas apresentações, e foram aplau-

didadas por Diogo Pacheco, que assim falava sobre elas em publicação da época: “Willys de Castro encontrou soluções excelentes para a leitura dos poemas concretos (...) imaginou partituras de leitura com ritmos e dinâmica rigorosa.” No artigo, publicado na revista Ala Arriba, em maio de 1957, precedendo a apresentação, o maestro explicava ainda que um poema concreto tem várias linhas de leitura e sentidos múltiplos, questão solucionada por Willys com o uso de várias vozes de timbres diferentes, verbalizando os sons simultânea ou sucessivamente.

Cuidadosamente preservadas pelo IAC- Instituto de Arte Contemporânea, SP, as partituras aguardavam para ser novamente utilizadas. Numa ação conjunta do IAC e da Galeria Almeida e Dale, coordenada pela curadoria, o Recital Concretista foi recriado, com direção de João Rizek e as vozes do grupo Teatro Mágico. A gravação foi disponibilizada na exposição em fones de ouvido e ficará arquivada no IAC à disposição dos pesquisadores.

Nas artes plásticas, talvez por dominar tão bem o desenho, Willys não buscou um professor. Seus primeiros trabalhos conhecidos datam de 1949. A obra *Abstração nº 8*, que integra a exposição, é um dos raros exemplos desse momento, é um trabalho que reporta ao abstracionismo lírico de Antonio Bandeira, cuja influência é clara. No início de 1950, Willys produziu outros trabalhos de grande potência estética, dos quais sete são apresentados na exposição. É uma produção pouco conhecida e divulgada, poderíamos dizer, quase escondida. Nelas o artista utiliza uma linguagem semi-abstrata, na qual círculos e formas geométricas circundam imagens entrevistas em meio a teias. Em cruzamentos de linha, forma e cor, Willys cria planos e transparências, confundindo figura e fundo, que, entretanto, estão ainda presentes. Nessas obras destacam-se as qualidades compositivas e de exímio colorista de Willys e o resultado se aparenta nitidamente ao trabalho de Samson

Flexor. Não existe nenhum registro de que Willys tenha frequentado o Atelier Abstração, entretanto, Flexor promovia constantemente reuniões musicais em sua casa e foi um dos fundadores do Movimento Ars Nova. É quase impossível pensar que não tenham convivido. O caráter musical da obra de Flexor, tantas vezes apontada pelos críticos, está presente também nessas obras de Willys, cuja técnica é de difícil identificação. Ele mescla óleo, aquarela, pastel e, em alguns casos, requintadamente, salienta algumas áreas com aplicação de verniz. No conjunto dessas obras fica clara a qualidade dessa produção, mostrando que a atitude de calar sobre certas facetas da produção de determinados artistas precisa ser repensada. Willys tinha então vinte e poucos anos, e buscava, já com grande excelência, o seu caminho. Nesse período suas obras plásticas e musicais eram assinadas como Souza Castro.

Completando esse quadro de múltipla atuação Willys inaugurou, em 1954, tendo como sócio Hércules Barsotti, o Estúdio de Projetos Gráficos, que atuou por 10 anos, realizando anúncios, criando logomarcas para indústrias e também para exposições e galerias de arte. Nesse período de implantação das poéticas construtivas no Brasil, a relação entre arte e desenho industrial era estreita, numa herança vinda da Bauhaus e da Escola de Ulm. Grande parte dos integrantes do movimento concreto, e posteriormente neoconcreto, tinham como profissão a produção gráfica, e ela não era considerada uma atividade à parte, desligada de suas poéticas. Ao contrário, eram atividades que se alimentavam mutuamente numa troca de experiências. No desenvolvimento dos anúncios para a Tintas CIL, para quem criou campanhas de várias linhas de produtos, Willys chegou até a utilizar a poesia concreta como base.

Na década de 1960, junto com outros artistas como Hércules Barsotti, Amélia Toledo e Carmélio Cruz, Willys criou estampas para a Cia. Rhodia, que implantava o fio sintético

no Brasil. O que poderia ter sido apenas uma ação publicitária transformou-se, graças à inteligência de Livio Rangan, numa experiência, que hoje seria chamada de multimídia, unindo arte, indústria, design e moda. Nas fotos das campanhas criadas nesse momento fica bem evidente o quanto as estampas de Willys e Hércules são superiores às de muitos de seus colegas, pela adequação ao objetivo proposto. Não por acaso Alceu Penna criou com elas alguns dos mais interessantes vestidos da coleção. Na exposição são apresentados projetos para estamparia, fotos de anúncios e também alguns designs gráficos.

Em meados da década de 1950, Willys abandonou inteiramente a figuração e começou a trabalhar dentro dos paradigmas concretistas, mas nunca se filiou ao Grupo Ruptura, mantendo um certo isolamento do dogmatismo pregado por Waldemar Cordeiro. A obra *Sem título, 1954* apresentada na exposição é um exemplo bastante expressivo desse período. O artista faz uma composição com elementos modulares e aplica o óleo em planos de cor chapados, como se pintados com tinta industrial. Até aí segue a cartilha concretista, mas as cores que utiliza escapam das regras e o contraste entre elas cria uma pulsação que dinamiza a composição.

No VI Salão de Arte Moderna de São Paulo, realizado em 1957, Willys apresentou-se com obras de caráter construtivo, recebendo o Prêmio Governo do Estado pela *Pintura 174*. A obra premiada faz parte de uma experiência monocromática, que pode ser vista na atual exposição, em *Projeto para Pintura 167*, e *Estudo final para Pintura 112*. Numa busca paralela, Willys explorou nesse período as possibilidades do triângulo, em obras como *Formas Simultâneas II*, *Sem título*, *Desintegração*, e dois pequenos estudos nos quais vira de baixo para cima exatamente a mesma composição. Vale notar a qualidade cromática desses trabalhos, sempre escapando das normas concretistas.

Em 1958, com Hércules Barsotti, Willys fez uma viagem de estudos pela Europa. Na volta ambos decidiram passar a integrar o Grupo Neoconcreto do Rio de Janeiro. Mesmo se arriscando a uma rejeição do grupo concreto paulista, os artistas preferiram ter espaço para uma atuação mais livre, menos restritiva, embora ainda dentro dos princípios construtivos. O encontro de Willys com Mário Pedrosa foi decisivo para essa tomada de posição que, de fato, isolou os artistas em São Paulo.

Na primeira exposição de Arte Neoconcreta, realizada em 1959, no MAM-RJ

Willys, curiosamente, apresentou-se com poemas visuais, que desenvolveu ao longo dos anos, de muitas formas, tanto explorando as possibilidades de uso das cores preta e vermelha da máquina de escrever, quanto em cartazes-poemas realizados com impressão tipográfica.

Como vimos no início deste texto, na Segunda Exposição Neoconcreta Willys de Castro surpreendeu o circuito de arte com a apresentação dos seus *Objetos Ativos*. Sintéticos na sua realização e múltiplos na sua apresentação, os *Objetos Ativos* configuram um momento de plenitude na obra de Willys de Castro. Eles eram uma decorrência da série *Soma entre planos*, iniciada no final da década de 1950 e um *turning point* na obra do artista. Articulando as possibilidades de mínimos quadrados de cor, Willys chega com sua investigação às bordas dos quadros, e delas ao salto para o espaço. Nos *Objetos Ativos* apresentados na exposição fica patente esse percurso e a unicidade que os torna totêmicos. Em 1965 o artista realizou uma série de múltiplos com tiragem limitada a cinco exemplares de cada cor.

Na década de 1970, cor e forma voltaram a se dissociar na obra de Willys de Castro, que continua sua pesquisa pictórica nos *Estudos para partes entre planos*, e passa a trabalhar com madeira e metal, em obras que chama de *Pluriobjetos*.

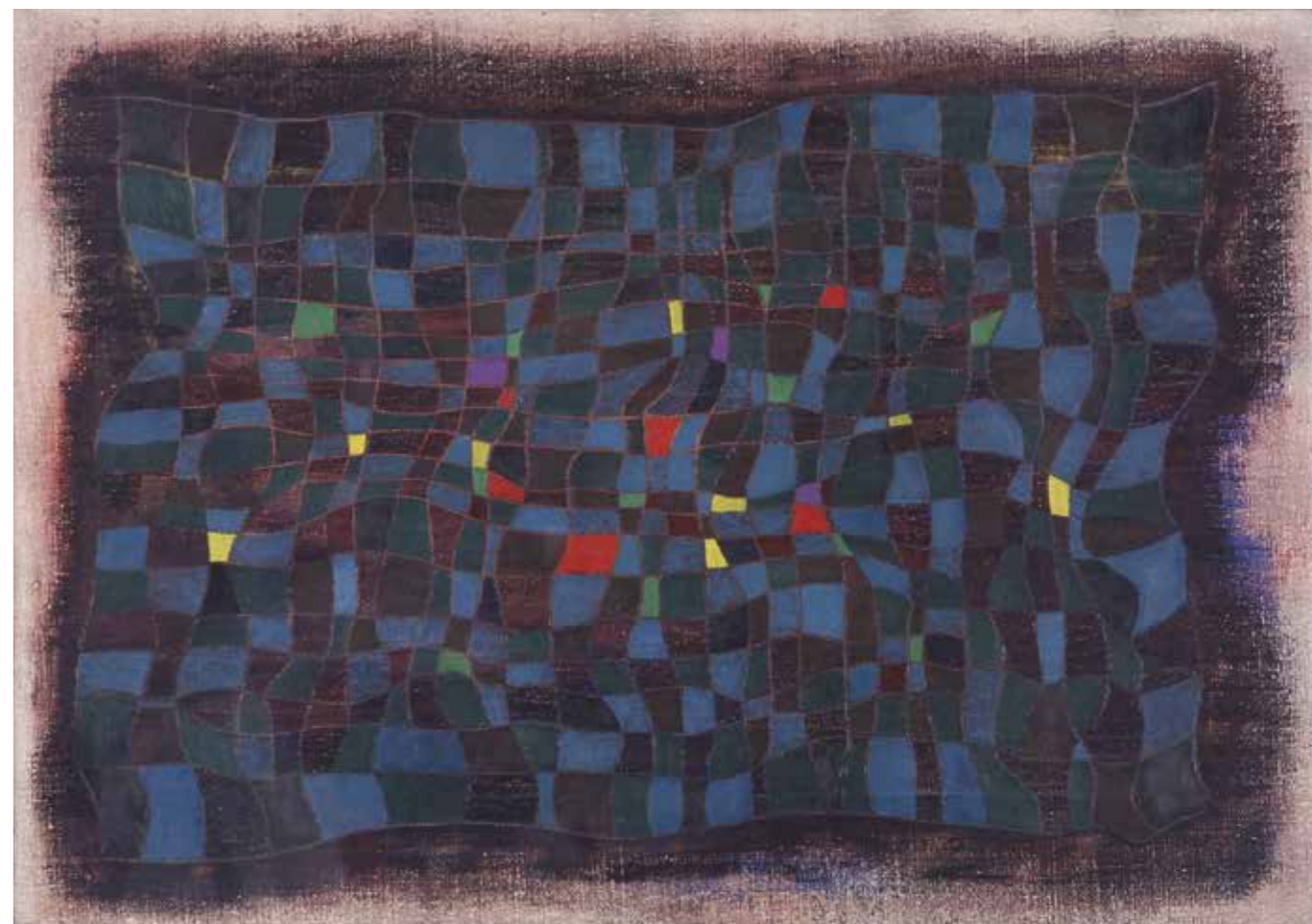
Apresentados em 1983, em mostra realizada no Gabinete de Arte Raquel Arnaud intitulada “Imaginar o presente” os trabalhos foram assim definidos, poeticamente, por Alberto Tassinari:

“Os *Pluriobjetos* de Willys de Castro são feitos para habitar o espaço. Mais do que em equilíbrio, estão em repouso. E, como tudo o que habita, habitam antes a si mesmos.(...) Mas não é apenas esse caráter reflexivo dos *Pluriobjetos* – esse relacionar-se consigo do mesmo modo que se relacionam com o espaço em torno – que permite considerá-los, para além das ressonâncias poéticas da palavra habitar, como feitos para habitar o espaço.”

Depois de onze anos sem expor, Willys de Castro novamente vinha desafiar o espectador. Realizados com precisão absoluta, com um uso minucioso e específico de cada material, os *Pluriobjetos* situam-se num entre-lugar: não são esculturas, nem objetos, nem relevos de parede, mas entes, que de fato habitam o espaço. O artista faleceu em 1988, antes da inauguração de uma exposição conjunta com Hércules Barsotti, para a qual havia preparado peças inéditas. Nessa nova pesquisa Willys projetava-se ainda mais no espaço, buscando dimensões que nunca havia utilizado, como na audaciosa obra em cobre apresentada na Galeria AD, realizada em grandes e finíssimas folhas que se desdobram como um livro.

Artista que tem sido cada vez mais estudado, nacional e internacionalmente, Willys de Castro revela a cada nova pesquisa as múltiplas faces de sua precisa síntese.

**Denise Mattar**  
Curadora



**Abstração nº 8, 1949**

Óleo sobre tela

27 x 38 cm

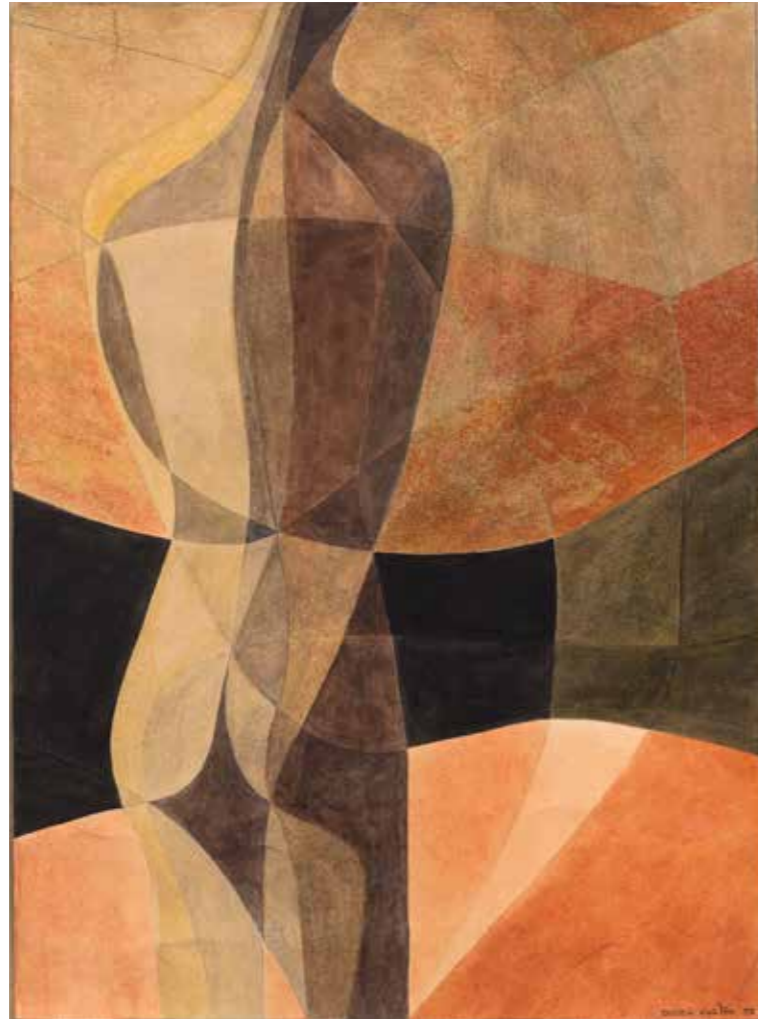
Coleção Fundação Edson Queiroz

**Tema com vasos, 1951**

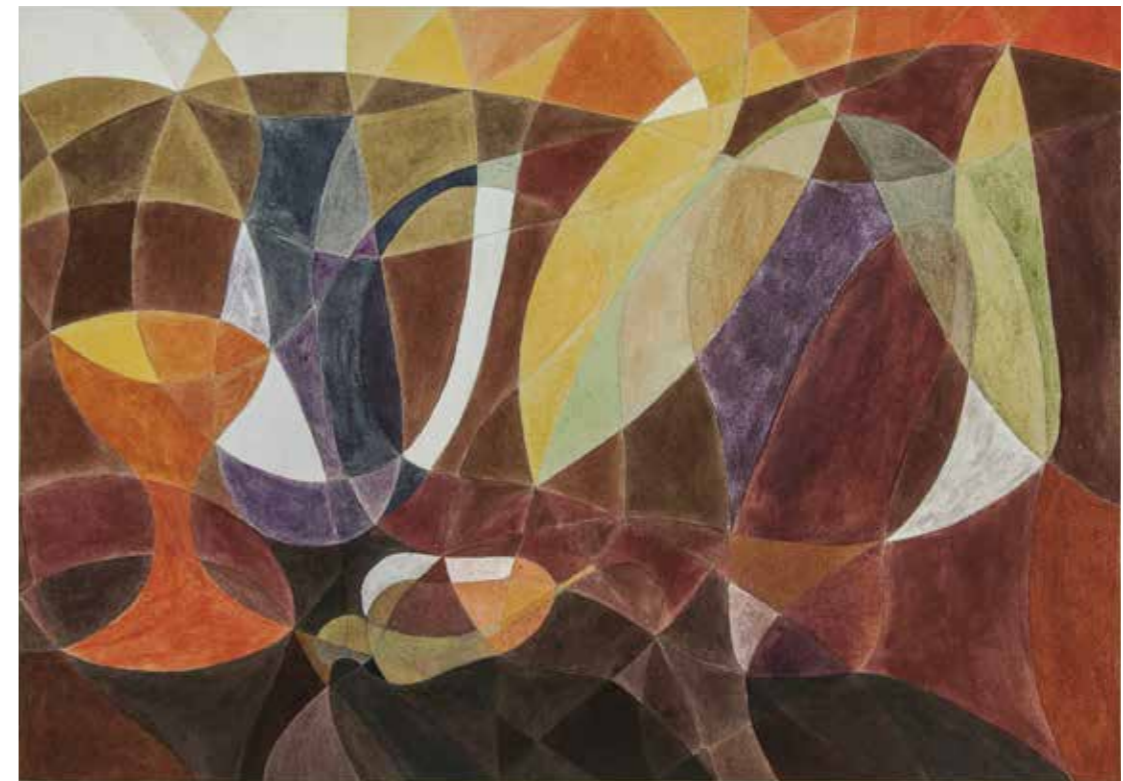
Óleo sobre tela

20 x 30 cm

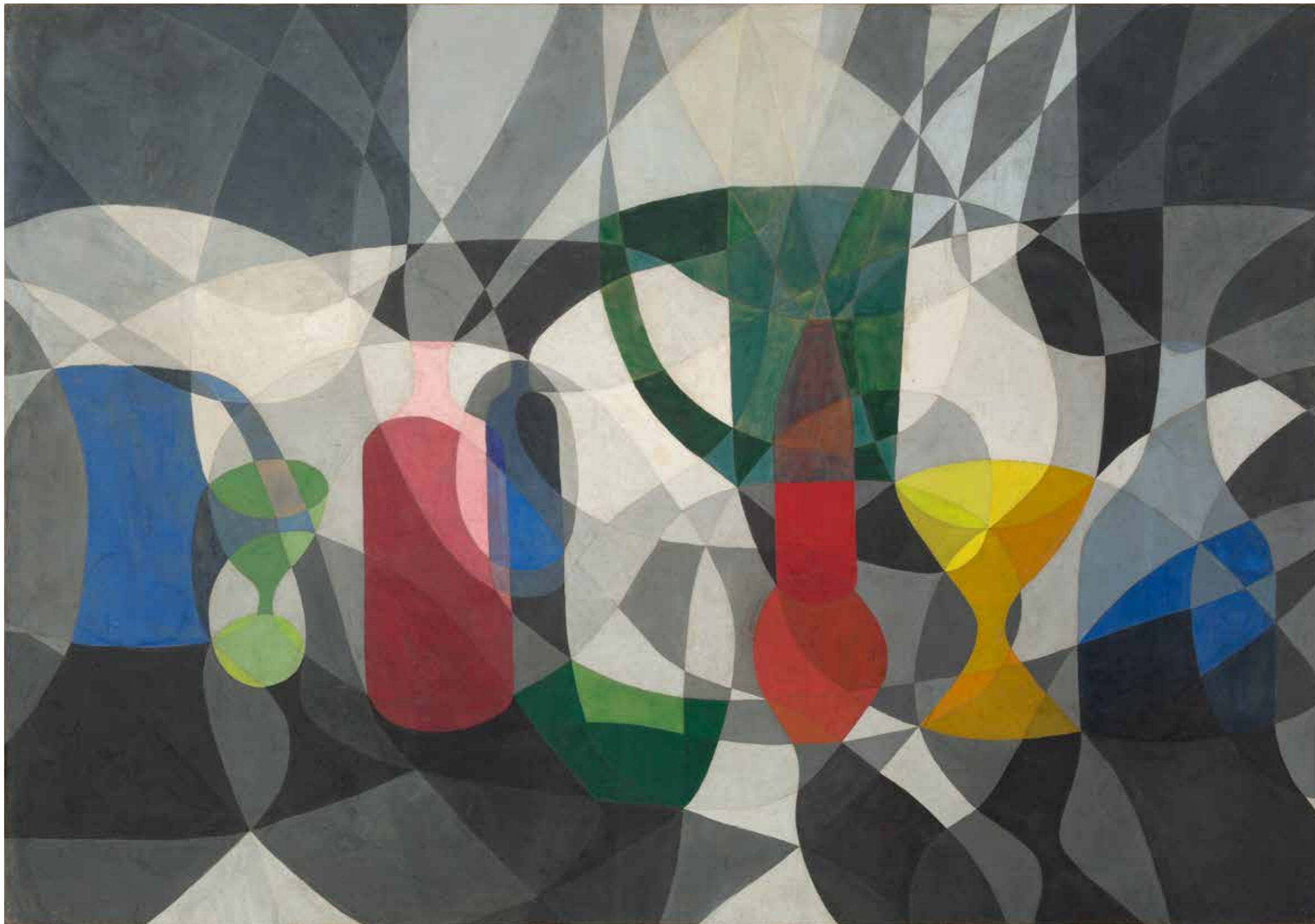
Coleção Fundação Edson Queiroz

**Sem título, 1952**

Óleo sobre papel e eucatex  
24,5 x 33,5 cm  
Coleção Particular - São Paulo

**Sem título, s.d.**

Aquarela e lápis  
37,5 x 53,5 cm  
Instituto de Arte Contemporânea - IAC



**Sem título, 1952**  
Óleo sobre papel e eucatex  
68 x 100 cm  
Coleção Particular - SP





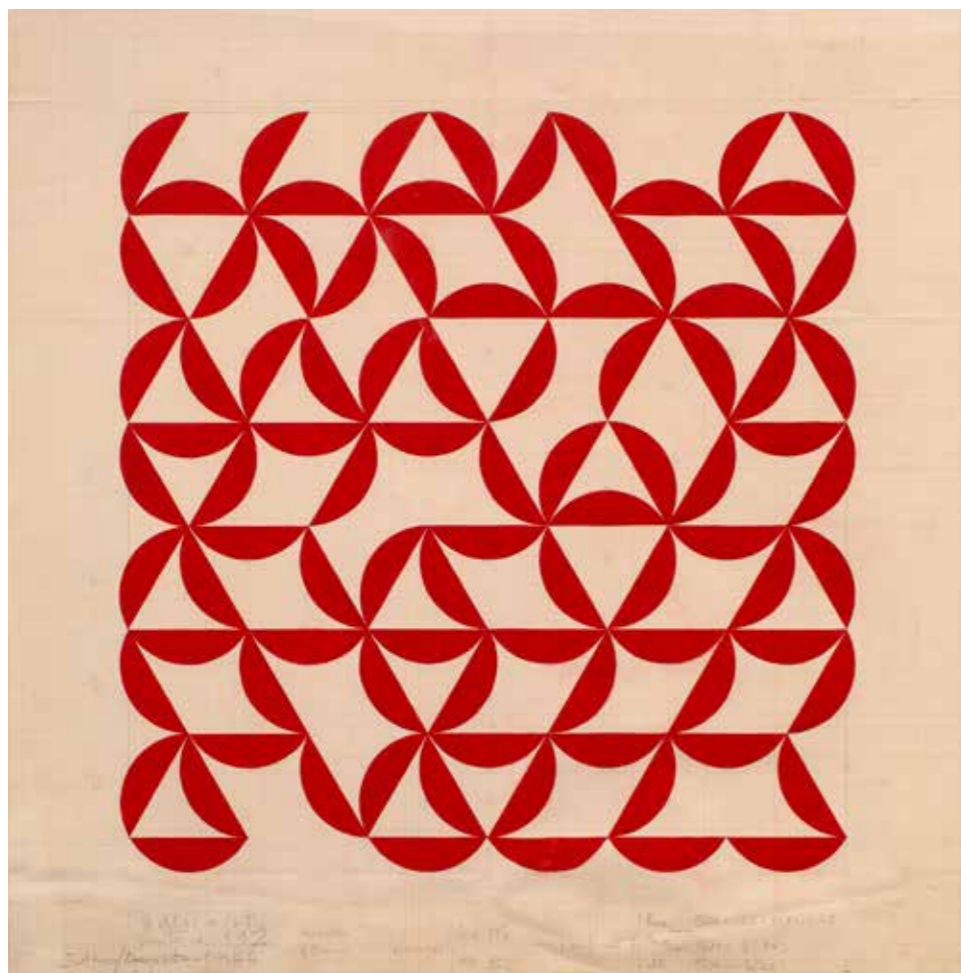
**Pierrot, 1953**  
Óleo sobre tela  
33 x 22 cm  
Coleção Particular - SP



**Cavalo e árvore, 1950**  
Aquarela  
30,3 x 44 cm  
Instituto de Arte Contemporânea - IAC

**Sem título, 1954**  
Óleo sobre tela  
81 x 65 cm  
Coleção Particular - SP



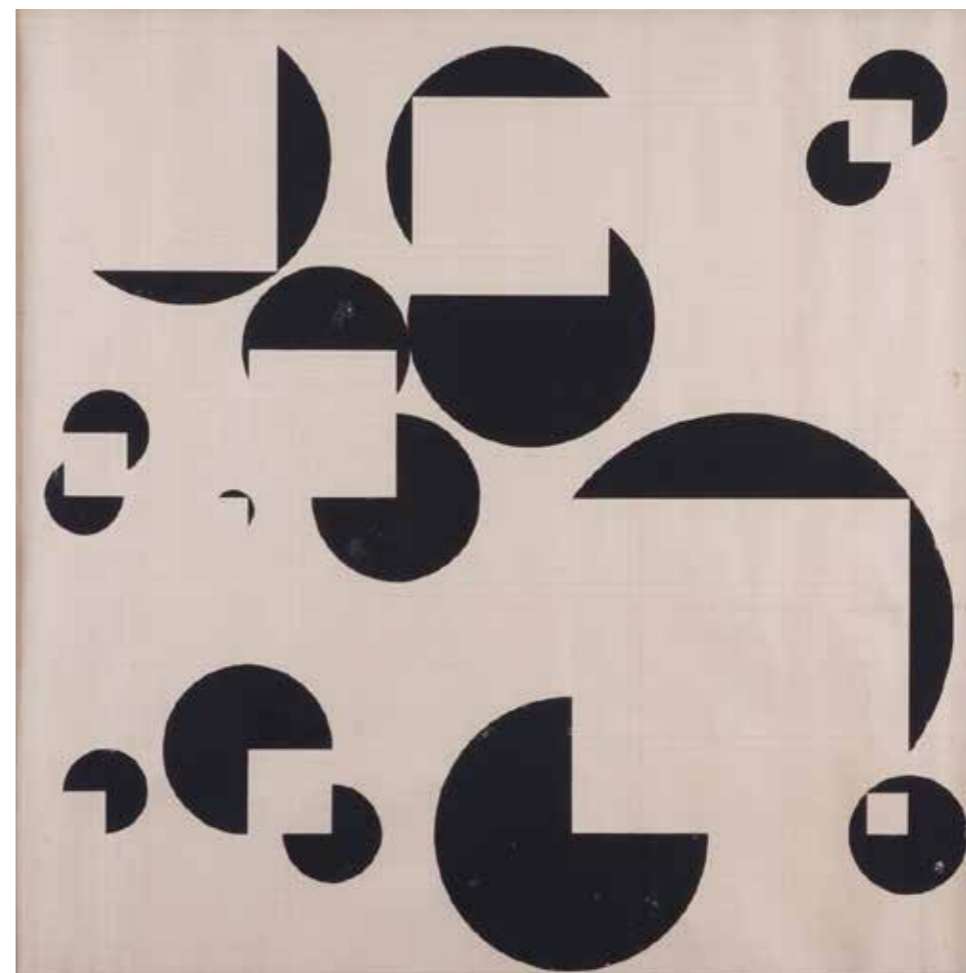


**Estudo final para pintura nº 112, 1956**

Guache sobre papel milimetrado

70 x 70 cm

Coleção Particular - SP



**Projeto para pintura 167, 1956**

Guache sobre papel

69 x 69 cm

Coleção Fundação Edson Queiroz

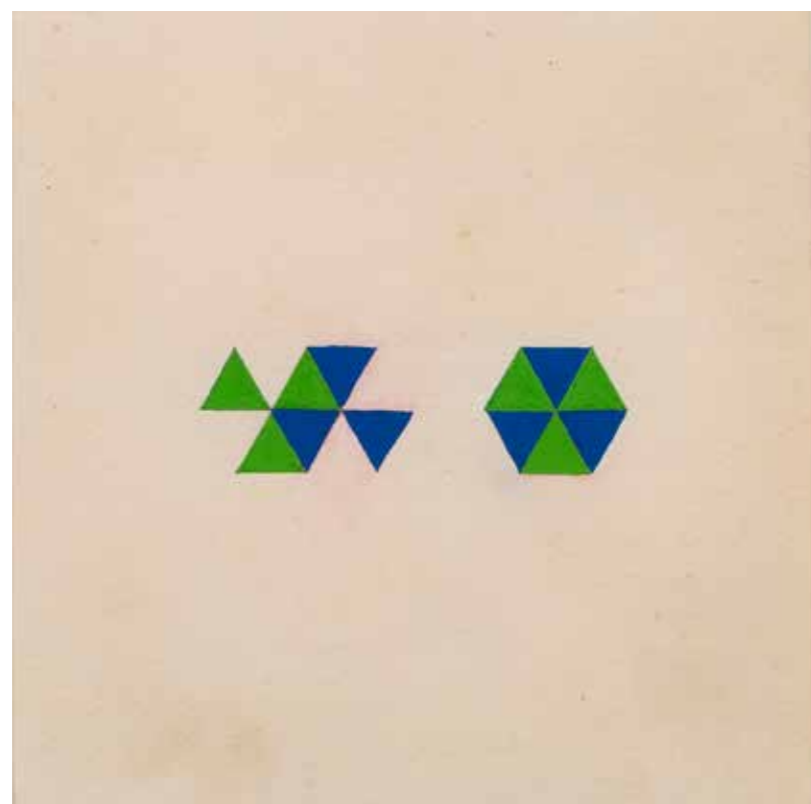


**Sem título, 1957**

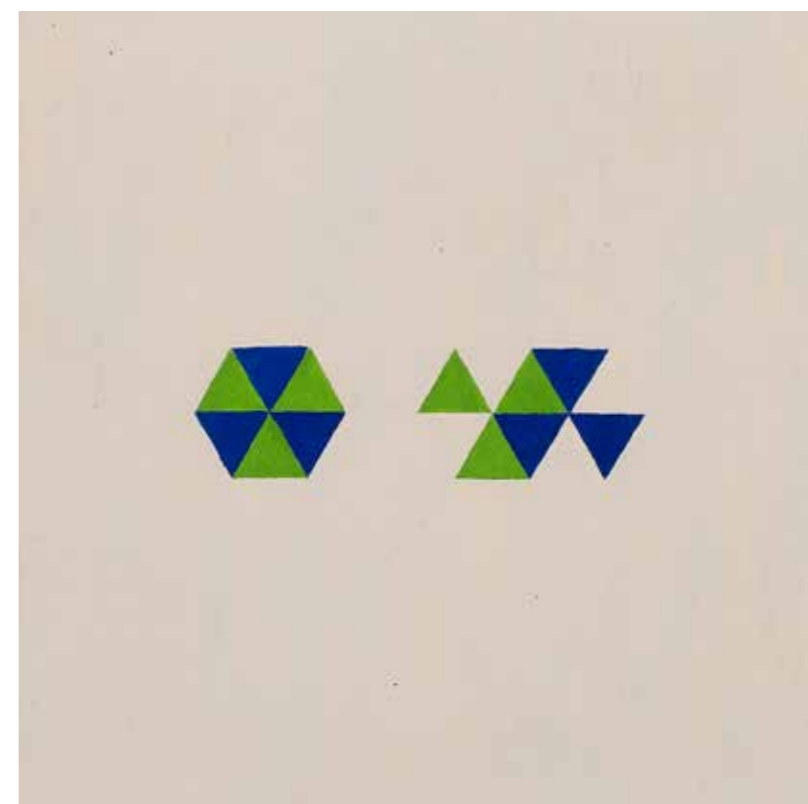
Óleo sobre tela

70 x 70 cm

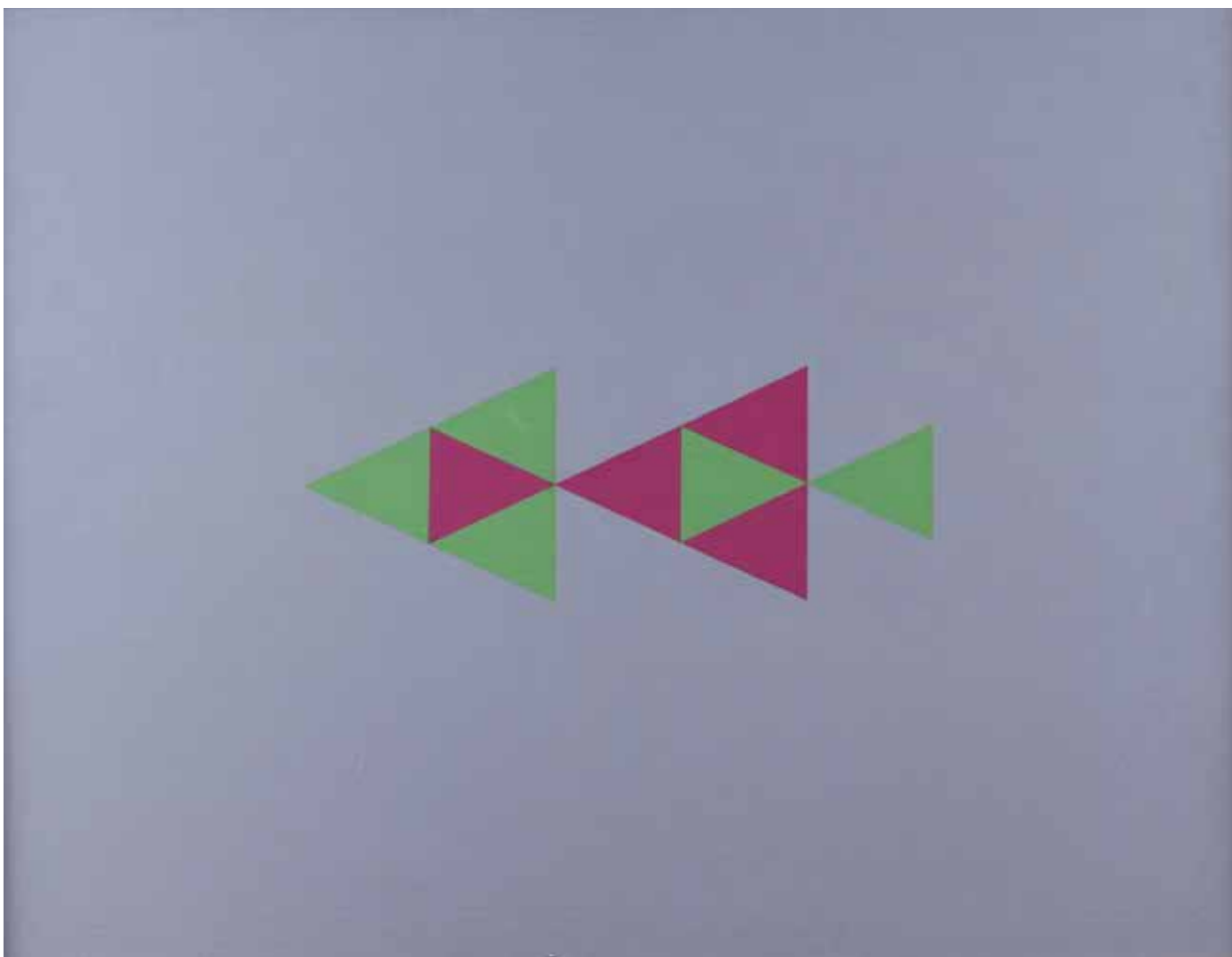
Coleção Particular - SP

**Projeto para pintura, 1957/8**

Guache sobre papel  
11 x 11 cm  
Coleção Orandi Momesso

**Projeto para pintura, 1957/8**

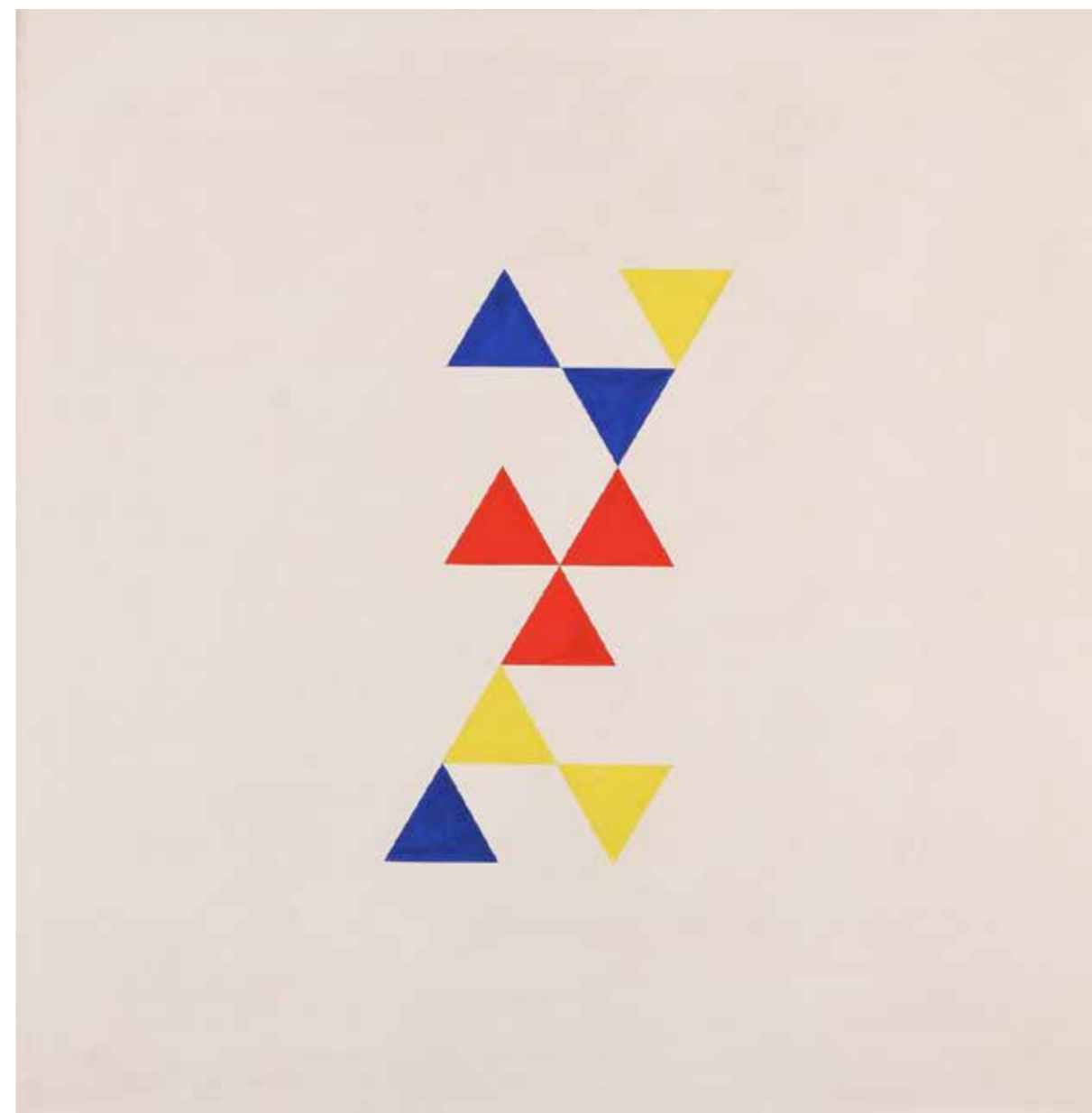
Guache sobre papel  
11 x 11 cm  
Coleção Orandi Momesso



**Formas Simultaneas II, 1959**

50 x 65 cm

Coleção Silvio e Paula Frota



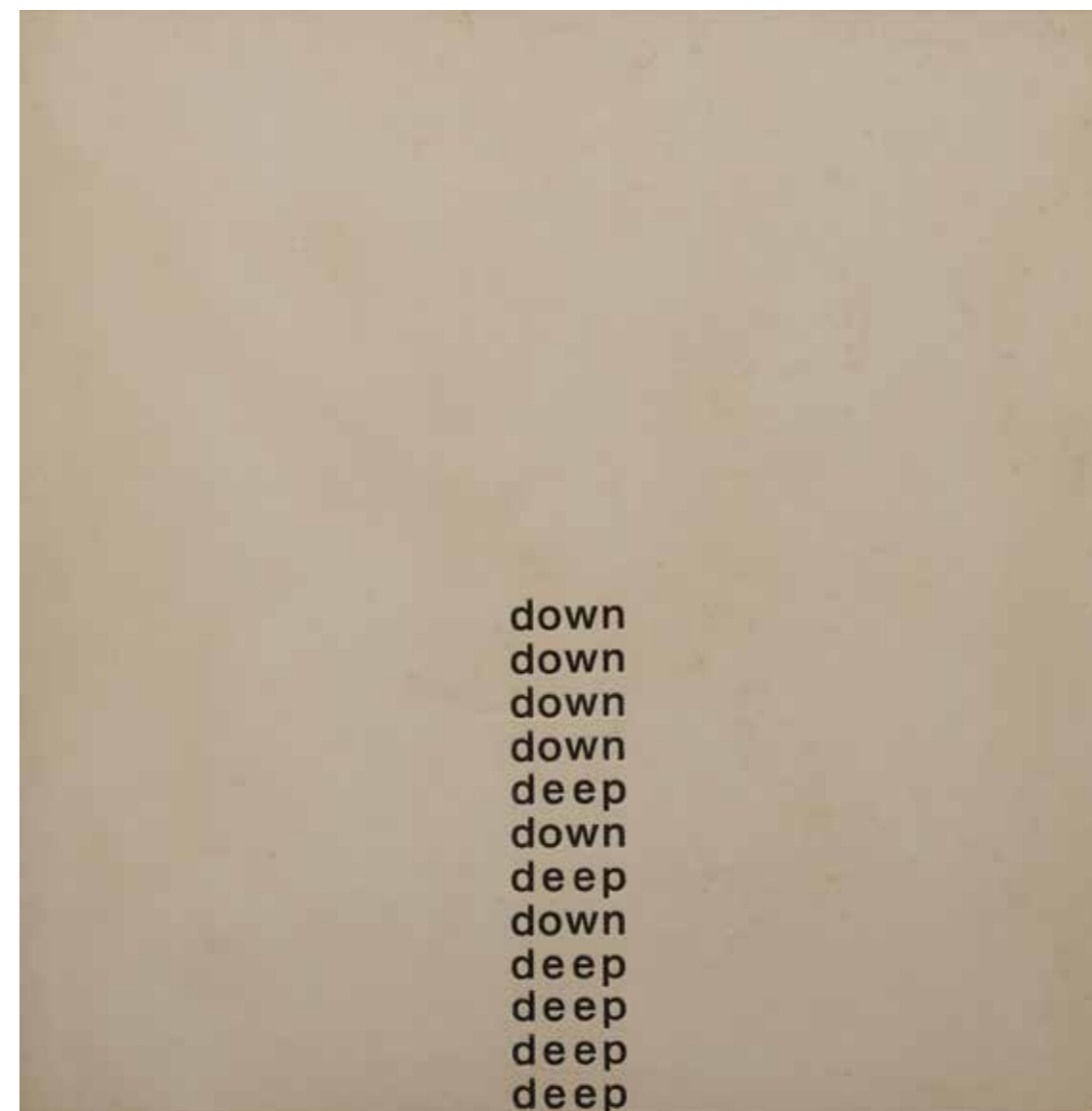
**Desintegração, 1958**

Óleo sobre tela

71 x 71 cm

Coleção Particular - MG

CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU  
 CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU  
 U CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU CÉ  
 ÉU CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU C  
 CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU  
 CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU  
 U CÉU CÉU SOL CÉU CÉU CÉ  
 ÉU CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU C  
 CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU  
 CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU  
 U CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU CÉ  
 ÉU CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU C  
 CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU  
 CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU  
 U CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU CÉ  
 ÉU CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU C  
 CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU  
 CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU  
 U CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU CÉ  
 ÉU CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU C  
 CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU  
 CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU  
 U CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU CÉ  
 ÉU CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU C  
 CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU  
 CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU CÉU  
 R MAR MAR MAR MAR MA



down  
 down  
 down  
 down  
 deep  
 down  
 deep  
 down  
 deep  
 deep  
 deep  
 deep

**Poema Deep Down, 1959**

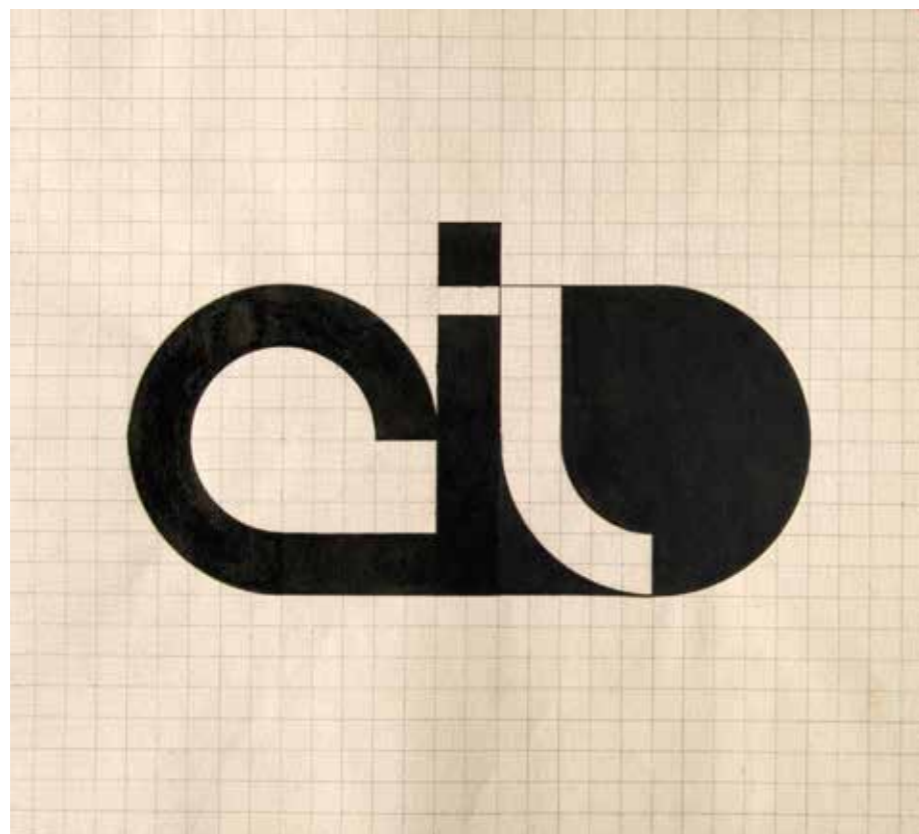
Impressão tipográfica sobre cartão

46,5 x 46,5 cm

Coleção Particular - SP



pa i s a g e m P A I S A G E M p a i s a g e m  
 P A I S A G E M p a i s a g e m P A I S A G E M  
 PA I S A G E M p a i s a g e m P A I S A G E M  
 p a i s a g e m P A I S A G E M p a i s a g e m



# Verbalização da Poesia Concreta

• • • • •  
• • • • •

Das muitas objeções que se vêm fazendo à poesia concreta, salienta-se, sem dúvida, pela unanimidade com que a crítica especializada o focalizou, o aspecto da «impossibilidade» de sua verbalização. Alegam, em geral, os críticos, que os poetas concretos, preocupados em demasia com a visualização do poema, tornaram-no impossível de ser verbalizado. Parece-nos, entretanto, evidente, que esta afirmativa só poderá ser lógica se se referir a uma maneira tradicional de «dizer» poemas. Mas é claro que se a poesia concreta revoluciona a forma, transformando o conceito poesia, substituindo, enfim, toda uma complexidade de conceitos tradicionais por uma exposição totalmente nova, também a sua verbalização tende a ser modificada, para que todo o conteúdo verbal do poema seja inteligível. Caso semelhante dá-se com a música de vanguarda, na qual, a terminologia musical até agora vigente perde o sentido para dar lugar a uma outra que tenha relação intrínseca com o novo material sonoro com que lida o compositor. Aliás, grande afinidade formal e evolutiva aproxima essas duas modalidades de arte. Interessante notar-se que à medida em que o verso começa a ser superado, a melodia (que na comparação poderia ser equivalente ao aspecto discursivo e sintático do verso) também se liberta da frase musical através da superação da cadência, e portanto, do desenvolvimento da melodia no sentido de «ponho de partida, tensão, afrouxamento», ou seja, princípio, desenvolvimento e fim. A emancipação da pausa, na música, também aparece na mesma época em que surge o aproveitamento do branco da página na poesia, o que nos encoraja a afirmar que esse desenvolvimento foi lógico (ainda mais se estendermos a comparação às artes plásticas, arquitetura, ao teatro, a todas as artes, enfim) dentro do momento histórico em que se deu.

O problema musicalidade de um poema concreto não se deve pois, evidentemente, relacionar com música tradicional, mas sim com música concreta também. E assim como a música concreta (ou melhor a música precursora do concretismo, e que usa, portanto, ainda, instrumentos tradicionais) não pode ser executada por instrumentistas que apenas dominem uma técnica limitada a certas possibilidades dos seus instrumentos mas que exige que ele conheça todos os seus

segredos, valorizando ao máximo as suas possibilidades, um poema concreto reclama uma leitura nova, capaz de tornar compreensível o seu conteúdo visual.

Difícil, ou talvez mesmo impossível, seria, por exemplo, lê-lo a uma voz apenas. É claro, que, se muitas vezes, nele existem várias linhas de leitura e sentidos múltiplos, isso só poderá ser compreendido por uma verbalização a várias vozes, simultâneas ou sucessivas, dependendo do caso. Willys de Castro encontrou soluções excelentes para a leitura de poemas concretos; e tão boas, que o Movimento «Ars Nova» resolveu divulgá-las realizando no Teatro Brasileiro de Comédia, no dia 3 de junho próximo, um recital de poesia concreta juntamente com a execução de algumas obras musicais da mesma tendência. Imaginou partituras de leitura com ritmos e dinâmica rigorosa. No poema «salto», de Augusto de Campos, por exemplo, que deve ser dito por sete vozes sendo três agudas, uma média e três graves, quando do conflito entre amor e morte que resulta na composição gráfica: sep ult um ulul lut tumultu, Willys para auditivamente tornar compreensivo o conteúdo verbal desse (verso?), colocou cada palavra num timbre, ou voz diferente. Assim sendo, enquanto a voz média diz «sepultu» a segunda grave, tendo das letras ul pronúncia «último»; a primeira voz grave, acrescentando um «m» ao último «u» compõe «um»; a segunda voz aguda diz «ululu», aproveitando a segunda voz grave a sílaba final lu para compor «lutu», enquanto a mais grave e a mais aguda, simultaneamente à sílaba tu de «lutu», dizem «túmulu» e «tumultos». Finalmente, a voz média repete a palavra «último», iniciada quando as vozes extremas pronunciam as letras ul. O ritmo aí é ligeiramente precipitado, para, no final, após o «salto», voltar a um «a tempo».

Não queremos «a priori» fazer um juízo sobre as possibilidades de êxito da nova maneira de se dizer poesia nova; a nossa pretensão é apenas a de que, como recital do Movimento «Ars Nova», sejam superados alguns equívocos relacionados com a possibilidade de verbalização de um poema concreto.

e e

m sm s m rt

o o o

mumi

sep

ult um ulul lut tumult

imo

s

alt tal

v mor

Diogo Pacheco

Imagem cedida pelo Instituto de Arte Contemporânea - IAC

partitura de verbalização de M A R A Z U L de ferreira gullar(1957)

I - MAR ' AZUL ' . . . . .

a) II - MAR ' AZUL ' MARCO ' AZUL ' . . . . .

m) - MAR ' AZUL ' MARCO ' AZUL ' BARCO ' AZUL ' .

I - MAR ' AZUL ' MARCO ' AZUL ' BARCO ' AZUL ' .

e) II - MAR ' AZUL ' MARCO ' AZUL ' BARCO ' AZUL ' .

MAR ' . . . . .

. . . . . AZUL ' . . . . .

- ARCO ' AZUL ' . . . . .

- ARCO ' AZUL ' AR ' AZUL ' . . . . .

MAR ' . . . . . MAR ' . . . . .

. . . . . AZUL ' MARCO ' . . . . . AZUL ' . . . . .

. . . . . AZUL ' . . . . .

MARCO ' . . . . . AZUL ' MAR ' . . . . .

. . . . . AZUL ' BARCO ' . . . . .

AZUL ' MARCO ' . . . . . AZUL ' . . . . .

. . . . . AZUL ' BARCO ' . . . . .

. . . . . MAR ' . . . . .

ARCO ' . . . . .

. . . . . AZUL ' MARCO ' . . . . .

. . . . . AZUL ' . . . . .

. . . . . ARCO ' . . . . .

. . . . . AZUL ' AR ' . . . . .

AZUL ' BARCO ' . . . . .

AZUL ' MAR ' AZUL ' . . . . .

. . . . . MAR ' . . . . . MARCO ' AZUL ' . . . . .

. . . . . MAR ' . . . . . MARCO ' . . . . .

. . . . . MAR ' . . . . . MARCO ' . . . . .

. . . . . MAR ' . . . . . MARCO ' . . . . .

BARCO ' AZUL ' . . . . .

BARCO ' . . . . . ARCO ' AZUL ' . . . . .

BARCO ' . . . . . ARCO ' . . . . . AR ' AZUL ' . . . . .

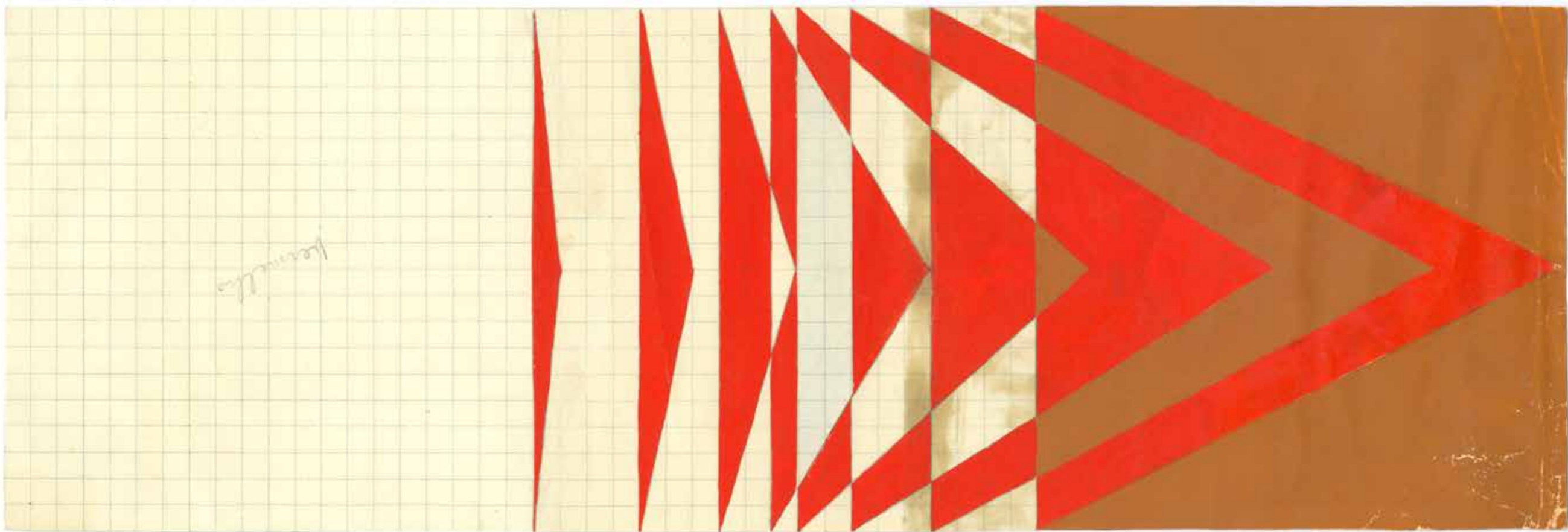
MAR AZUL

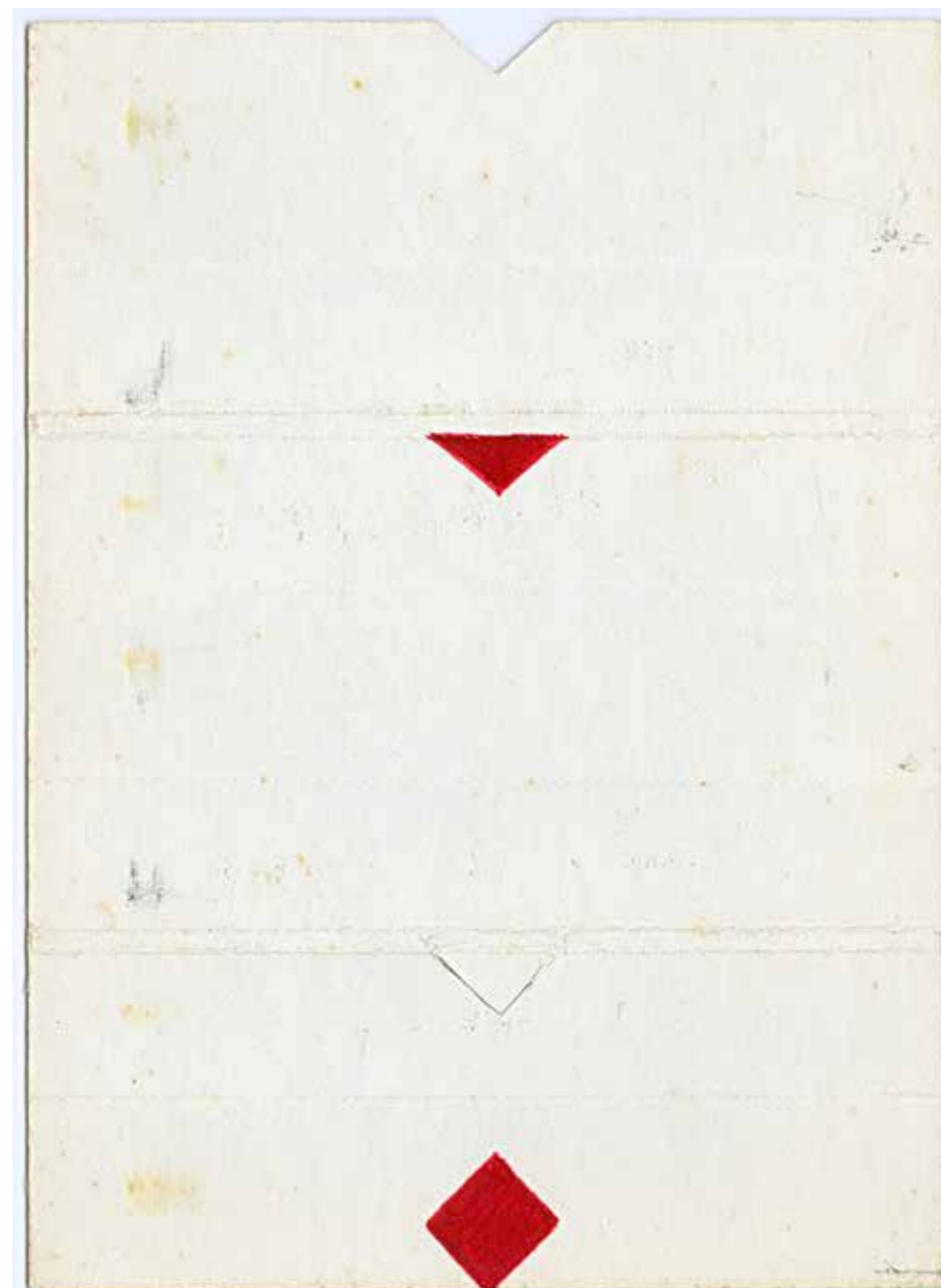
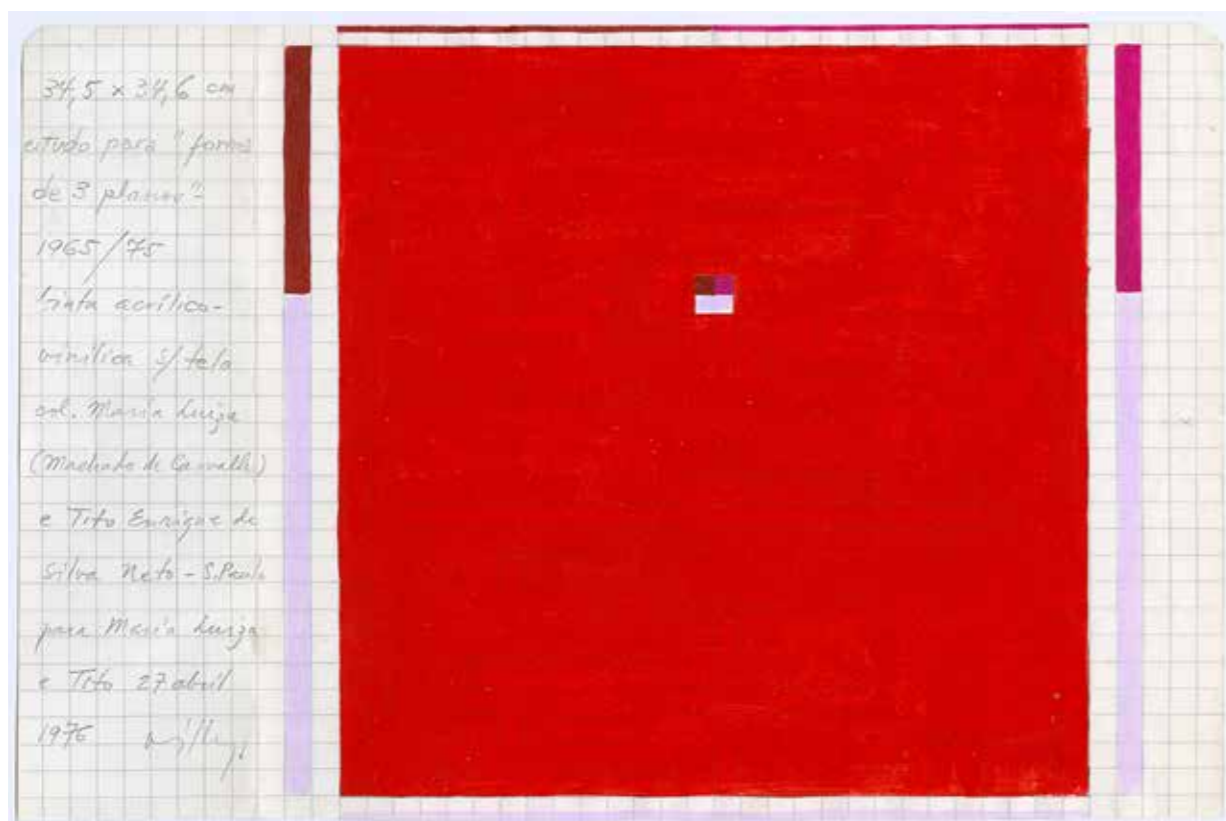
MAR AZUL MARCO AZUL

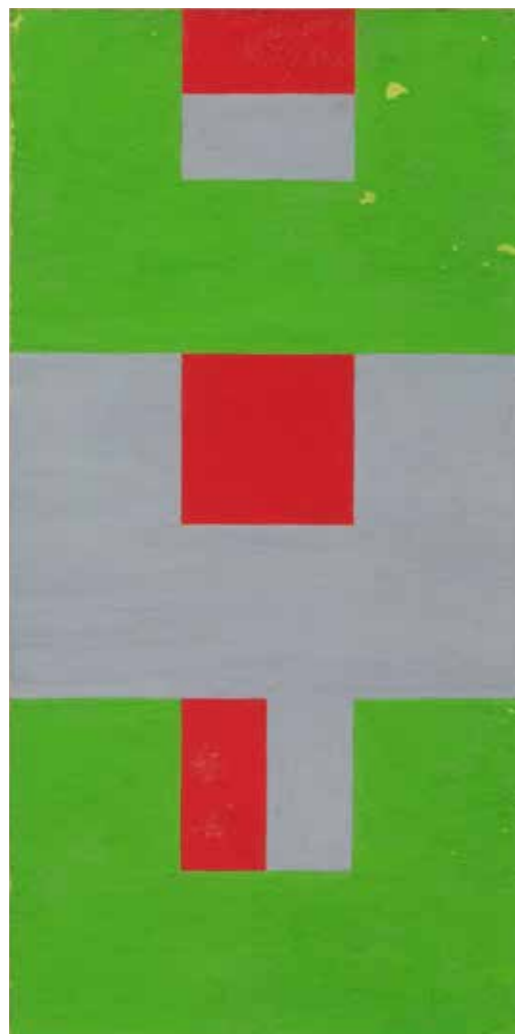
MAR AZUL MARCO AZUL BARCO AZUL

MAR AZUL MARCO AZUL BARCO AZUL ARCO AZUL

MAR AZUL MARCO AZUL BARCO AZUL ARCO AZUL AR AZUL







**Entreplanos, 1958**

Guache sobre cartão  
18 x 9 cm  
Coleção Particular - SP



**Sem título, 1954**

Desenho e litografia trove  
20,5 x 9,5 cm  
Coleção Particular - SP



**Sem título, s.d.**

Colagem  
30 x 3,5 cm  
Coleção Jones Bergamin



**Objeto ativo (2ª versão), 1960**

Óleo sobre tela colada em madeira

69,8 x 11,3 x 2,2 cm

Coleção Particular - MG





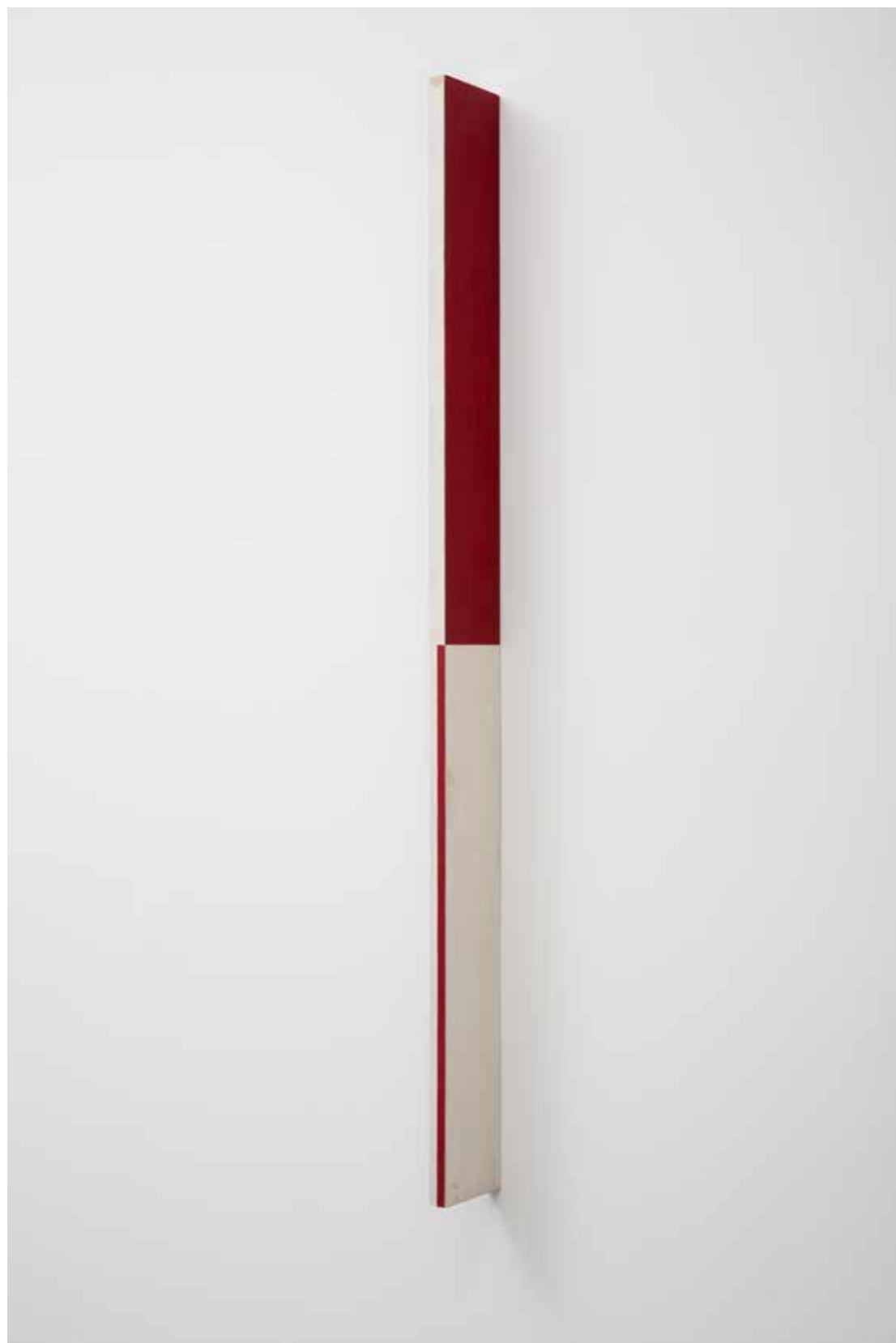


**Objeto ativo, 1959**

Óleo sobre tela sobre madeira

51,8 x 1,6 x 3,9 cm

Coleção Particular - PR



**Objeto ativo, 1960**

Óleo sobre tela sobre madeira

138 x 2,5 x 12 cm

Coleção Fundação Edson Queiroz





**Objeto ativo, 1961**  
Óleo sobre tela sobre madeira  
2.2 x 22.9 x 6.7 cm  
Coleção Jones Bergamin



**Estudo para planos de 6 formas, 1966/1972**

Acrílica sobre tela

35,5 x 35,5 cm

Coleção Fundação Edson Queiroz



**Estudo para partes entre planos, 1977**

Óleo sobre tela

34,6 x 34,7 cm

Coleção Particular - CE

**Objeto ativo, 1965**

Off set sobre papel schoeller dobrado e colado nº 1/5

27 x 37 cm

Coleção Particular - SP



**Pluriobjeto A6, 1988**

Acrílica sobre madeira de cedro polido

100 x 7,5 x 7,5 cm

Coleção Raquel Arnaud





**Sem título, 1988**

Cobre e latão

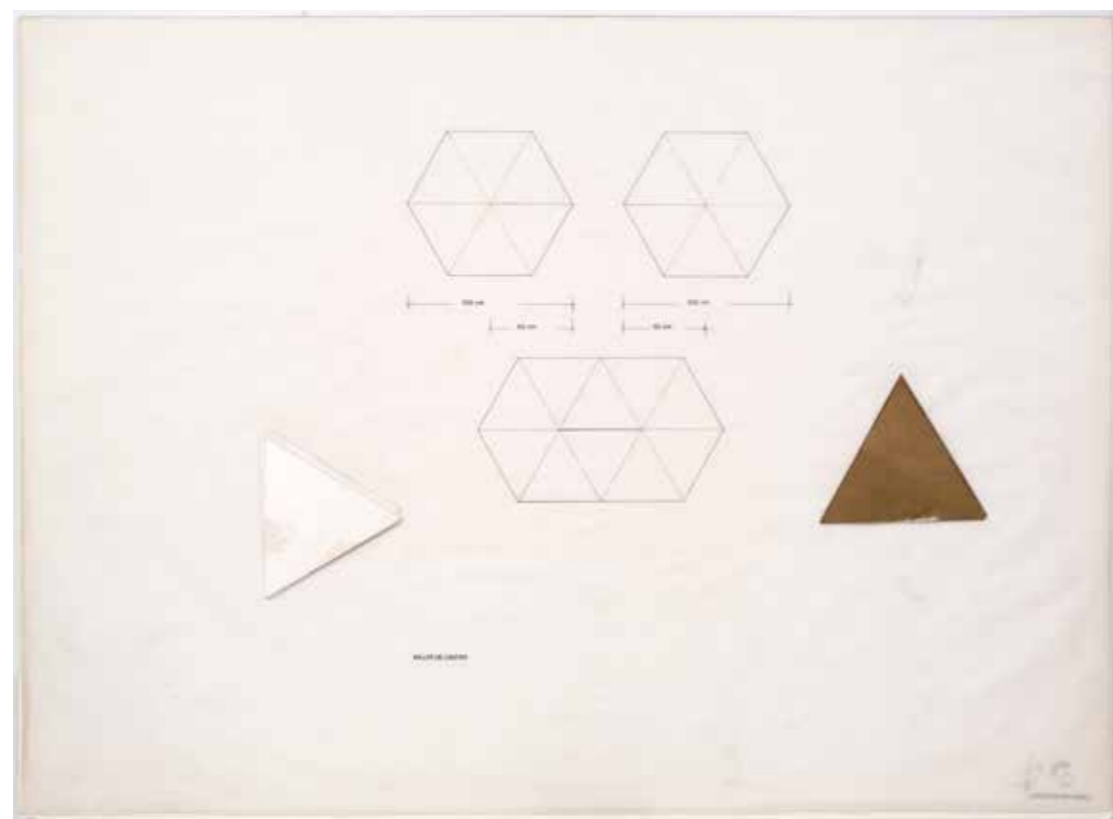
100 x 4 x 7 cm

Coleção Particular - SP

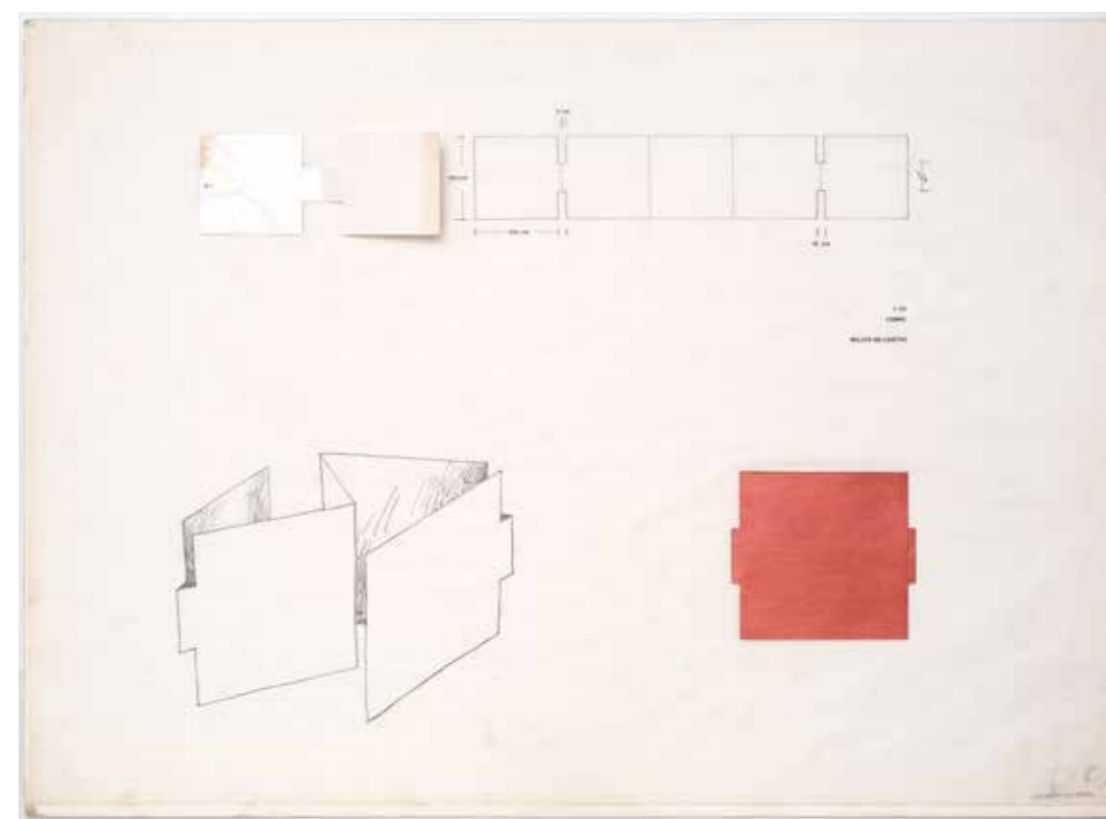


**Sem título, 1988**  
Latão  
200 x 10 x 10 cm  
Coleção Particular - CE



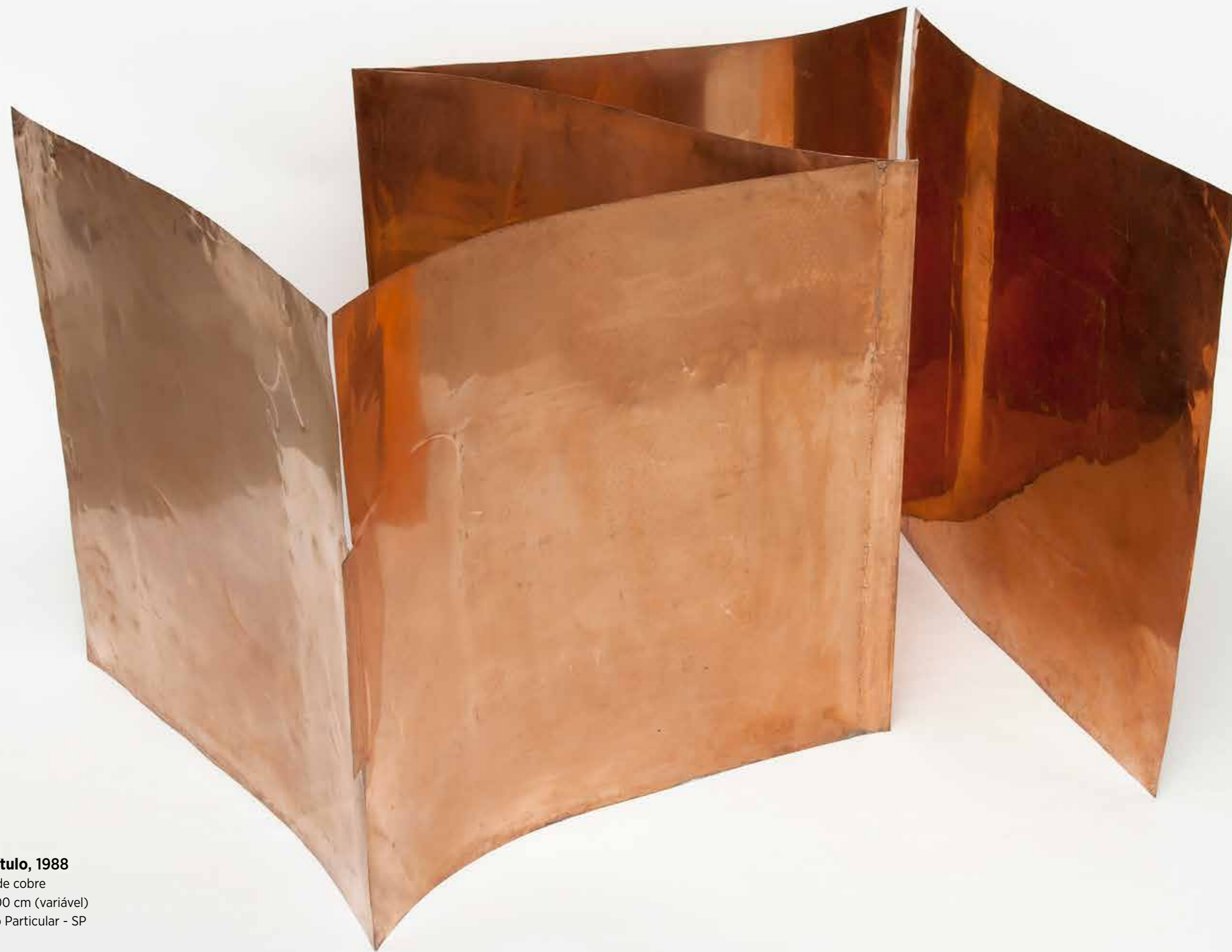
**Estudo, déc. 70**

Grafite sobre papel e colagem  
48,5 x 65 cm  
Coleção Particular - SP

**Estudo, déc. 70**

Grafite sobre papel e colagem  
48,5 x 65 cm  
Coleção Particular - SP





**Sem título, 1988**  
Chapa de cobre  
100 x 100 cm (variável)  
Coleção Particular - SP

## POLICROMOS

WILLYS DE CASTRO

*Policromos* foi composta por Willys de Castro, em março de 1951, especialmente para o Quarteto Haydn de Cordas (fundado em 1935 por Mário de Andrade). Em 1999, foi interpretada pelo Quarteto Aureus de Cordas, para fazer parte de um CD-Rom multimídia sobre a vida do artista, produzido por Graziela Marques de Castro como trabalho de graduação na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, apresentado em fevereiro de 2000.

O CD, apresentado na exposição Willys de Castro - Múltipla Síntese, integra o livro Willys, de Roberto Conduru, publicado pela Editora Cosac Naify em 2005.

1º Movimento *lento desolato*

2º Movimento *allegro molto*

3º Movimento *largo doloroso*

4º Movimento *andante marcato*

### Quarteto Aureus

Heitor Fujinami: 1º violino

Anderson Rocha: 2º violino

Adriana Schincariol Vercellino: viola

Ana Maria C. Chamorro: violoncelo

## RECITAL CONCRETISTA

### TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA

3 de Junho de 1957

Partituras de verbalização: Willys de Castro

Direção geral: Maestro Diogo Pacheco

#### Poemas:

Décio Pignatari - Um Movimento

José Lino Grunewald - Pomba

Reynaldo Jardim - Fere Fera

Ronaldo Azeredo - Comovido, Choque

Haroldo de Campos - Silêncio, Entre par(edes)ênteses

Ferreira Gullar - Mar Azul

Augusto de Campos - Tensão, Salto, Seta

#### Vozes:

Florany Pinheiro

Maria José de Carvalho

Ruth Santos

Ítalo Rossi

José Egydio

Paulo Gonzales

Música - Anton Webern - Sinfonia op21

### Recriação realizada para a exposição Willys de Castro - Múltipla Síntese

Coordenação e locução: Denise Mattar

Partituras de verbalização: Willys de Castro

Direção: João Rizek

#### Vozes:

Beatriz Janson

Debora Sales

Guilherme Isnard

Manu Valle

Maurizio Manciola

Paulo Sallum

Integrantes do Teatro Mágico de João Paulo Lorenzón

Gravação e mixagem - Estúdio Bruno Cardozo

Pesquisa: Mônica Estela Gomes

As partituras de verbalização integram o acervo do IAC - Instituto de Arte Contemporânea - São Paulo



Willys de Castro c.1983  
Foto Romulo Fialdini



vou ver legenda com IAC.

## Willys de Castro

(1926 - 1988)

**Pintor, poeta, compositor, cantor, desenhista, gravador, cenógrafo, figurinista, curador e artista gráfico.**

### 1926/1949

Willys de Castro nasceu a 16 de fevereiro de 1926, na cidade de Uberlândia, Minas Gerais. Era o segundo dos seis filhos de Cacilda de Souza Castro e Henrique de Castro. Cedo revelou seu talento para as artes e começou a estudar piano aos 4 anos. Sua família mudou-se para Campinas, São Paulo, onde foi aluno de música de Salvador Bove, lá também estudou desenho, com André Fort. Mudou-se para São Paulo em 1941, formando-se em Química Industrial em 1948. Trabalhou por um período na Companhia Esso, mas logo abandonou a profissão de químico para dedicar-se às artes e ao design gráfico. Foi aluno de Koellreuter e realizou composições como Toada (1949), Crepúsculo Indefinido (1950) e Policromos (1951) elogiadas pelo mestre. Seu interesse recaía sobre as novas formas de arte: pesquisava a música dodecafônica e na pintura tendia à abstração. Nesse período assinava suas obras, nas duas áreas, como Souza Castro.

### 1950/1957

No início da década de 1950, conheceu Hercules Barsotti, que se tornaria seu companheiro na arte e na vida. Em 1952, algumas de suas composições musicais foram apresentadas no Instituto Caetano de Campos. Trabalhou junto à EAD- Escola de Arte Dramática, de Alfredo Mesquita, onde atuou como compositor, poeta, cantor, tradutor e artista gráfico.

Em 1953 compôs a música para o mimodrama O Escriturário, encenado por Luís de Lima, com os alunos da EAD. Os cenários eram de Hercules Barsotti e do espanhol Badia Villató. Em 1954, com Barsotti, criou o Estúdio de Projetos Gráficos, que atuou por 10 anos, realizando propagandas e criando logomarcas para indústrias e também para exposições e galerias de arte. Trabalhou como figurinista e cenógrafo para o Teatro de Arena e Teatro Cultura Artística, recebendo, em 1957, o prêmio da Associação Paulista de Críticos Teatrais.



Foto diploma (imagem com IAC vou falar segunda cedo)



Willys em ensaio do madrigal Ars Nova (terceiro da esquerda para a direita).



Anúncio do recital concretista, TBC 1957



Entre os anos 1954 e 1957 participou e atuou intensamente do madrigal Ars Nova, dirigido pelo maestro Diogo Pacheco. O grupo dedicava-se à divulgação de músicas pouco conhecidas - tanto cantigas medievais quanto composições contemporâneas. Willys atuava como barítono e criava o design gráfico dos programas dos espetáculos. Paralelamente fazia poesia concreta, e em 1955, publicou um livro, numa edição de autor. Seu poema Campo Santo foi elogiado pela poeta Dora Ferreira da Silva.

Em 1957, unindo seus conhecimentos em música e poesia, Willys produziu as partituras de verbalização para o 1o Recital de Poesia concreta, realizado no dia 6 de Junho, no Teatro Brasileiro de Comédia. Foram apresentados poemas de Augusto e Haroldo de Campos, Ferreira Gullar, e Décio Pignatari, entre outros.

Como artista plástico aderiu aos princípios concretistas do Grupo Ruptura, criado em 1952, por Waldemar Cordeiro, embora, formalmente, não tenha participado do grupo. Em 1957 apresentou, no VI Salão de Arte Moderna, obras de caráter construtivo, recebendo o Prêmio Governo do Estado pela obra Pintura 174. No mesmo ano participou da 4ª Bienal Internacional de São Paulo.

Em 1955, realizou a curadoria para a exposição retrospectiva de Aldo Bonadei, no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Exerceria essa atividade algumas vezes ao longo dos anos seguintes, em mostras coletivas e também individuais, de Barsotti e Volpi, entre outros.



Willys no 6o Salão de Arte Moderna de São Paulo, no qual recebeu o Prêmio Governo do Estado, 1957.



3ª Exposição de Arte Neoconcreta, MAM-SP, 1961. Na foto podem ser vistas as obras apresentadas por Willys de Castro.

### 1958/1962

Em 1958, com Hercules Barsotti, fez uma viagem de estudos pela Europa. Na volta, mesmo residindo em São Paulo, ambos decidiram integrar o Grupo Neoconcreto do Rio de Janeiro, que propunha uma atuação dentro dos princípios construtivos, porém menos restritiva. Em 1959, foi realizada a primeira exposição de Arte Neoconcreta, no MAM-RJ, na qual Willys apresentou-se com poemas visuais, que continuaria a criar por muitos anos. A mostra itinerou para Salvador.

Participou da mostra *Konkrete Kunst*, organizada por Max Bill, em Zurique, em 1960, e, no mesmo ano, do 9º Salão Nacional de Arte Moderna, no MAM/RJ. Na segunda exposição de Arte Neoconcreta, realizada no MEC-RJ, em 1960, Willys apresentou seus *Objetos Ativos*, trabalhos inovadores que questionavam a utilização da superfície plana como suporte para a pintura. Em 1961 integrou a terceira exposição de Arte Neoconcreta, no MAM-SP, para a qual, além de expor, realizou o catálogo, o convite e a montagem da exposição. Participou da 6ª Bienal Internacional de São Paulo e da 2ª Bienal dos Jovens, no Musée d'Art Moderne de La Ville de Paris.

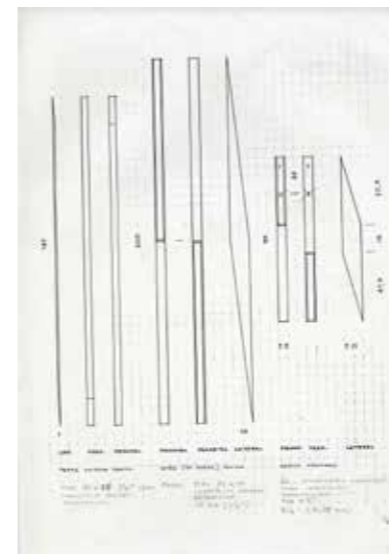
Em 1962 Willys e Barsotti apresentaram uma mostra conjunta na Petite Galerie do Rio de Janeiro e de São Paulo.

### 1963/1970

Em 1963 foi co-fundador e um dos participantes do Grupo Novas Tendências - Associação de Desenho Industrial e Galeria de Arte Novas Tendências, em São Paulo, ativo por dois anos. No Rio de Janeiro integrou a exposição *O Rosto e a Obra* organizada por Mark Berkowitz, na Galeria IBEU, Rio de Janeiro. Participou da exposição *Brazilian Art Today*, apresentada em 1965, no Royal Academy of Arts, Londres (Inglaterra) e, em 1966, no Beethovenhalle - Bonn (Alemanha). Entre 1965 e 1967, com mais 23 outros artistas, foi convidado pela Rhodia - Indústrias Químicas e Têxteis S.A. a criar estamparias de tecidos, realizando várias coleções.



Modelo usando vestido com estampa de Willys criada para a Rhodia, 1965



Projeto construtivo de Pluriobjeto, s.d.

### 1970/1980

A partir dos anos setenta Willys começou a fazer experiências com metal e madeira, criando os Pluriobjetos.

Em 1970 participou da mostra inaugural da Galeria Astréia, São Paulo, e, em 1971, da Retrospectiva da Moda Brasileira, no Masp, São Paulo. Integrou a exposição *Arte/Brasil/Hoje: 50 anos depois*, em 1972, organizada pela Galeria Collectio, São Paulo. Participou da Sala Especial sobre a Arte Concreta no Brasil organizada pela 12ª Bienal de São Paulo, em 1973, em

1977, da mostra comemorativa *Projeto Construtivo Brasileiro na Arte: 1950-1962*, apresentada no MAM/RJ e na Pinacoteca do Estado, São Paulo.

### 1980/88

Em 1983 realizou individual no Gabinete de Arte Raquel Arnaud apresentando treze Pluriobjetos.

Participou da exposição *Tradição e Ruptura: síntese de arte e cultura brasileiras*, apresentada na Fundação Bienal, São Paulo, em 1984, e, no mesmo ano da mostra *Neoconcretismo 1959-1961*, na Galeria de Arte Banerj, Rio de Janeiro. Integrou a exposição *Modernidade: arte brasileira do século XX*, apresentada, em 1987, no Musée d'Art Moderne de La Ville de Paris, (França).

Integrou a mostra *1ª Abstração Geométrica: concretismo e neoconcretismo*, apresentada na Fundação Nacional de Arte, Centro de Artes, Rio de Janeiro, e no MAB-FAAP, São Paulo. Participou da Sala Especial *Em Busca da Essência - elementos de redução na arte brasileira*, apresentada na 19ª Bienal Internacional de São Paulo.

Em 1988, o Gabinete de Arte Raquel Arnaud organizou nova mostra com pinturas de Barsotti e pluriobjetos de Willys, alguns deles inéditos.

O artista faleceu antes da abertura, no dia 5 de Junho de 1988.



Exposição no Gabinete de Arte Raquel Arnaud, 1983.

## MINALBA PREMIUM E ARTE

A fonte da **Minalba Premium** está localizada a 1.700 metros de altitude, na região serrana de Campos do Jordão, no interior de São Paulo. Sua composição é diferenciada, o que garante uma água refrescante e com um equilíbrio inigualável. Aliado a estes fatores, o design sofisticado da sua embalagem, que recebeu o importante “Prêmio Embalagem Marca” e o reconhecimento da Associação Brasileira da Indústria de Águas Minerais (Abinam) como “Melhor Embalagem de Vidro”, confere um toque especial a **Minalba Premium**, tornando-a única e exclusiva, como uma obra de arte.

É pensando nisso que **Minalba Premium** investe ativamente para o sucesso da cadeia produtiva de arte no Brasil e tem, também, um forte papel estimulador, apoiando exposições de artistas consagrados, destacando galerias de arte e a formação de artistas visuais.

Contribuir para a ampliação da produção artística brasileira também é nosso compromisso.

**minalba**  
*Premium*



# INSTITUTO DE ARTE CONTEMPORÂNEA - IAC

## ARQUIVO DOCUMENTAL E HISTÓRICO

Diploma APCA conferido a Willys de Castro.  
23,5 x 30,5 cm  
8/4/1957  
Registro de Inventário: WIL7/79

Artigo "Verbalização da Poesia Concreta", com imagem da partitura da poesia "Salto", de Augusto de Campos.  
32 x 22,9 cm  
Maio de 1957  
Registro de Inventário: WIL 7/80 a

Artigo com título "Verbalização da Poesia Concreta", com imagem da partitura da poesia "Salto", de Augusto de Campos.  
32 x 22,9 cm  
Maio de 1957  
Registro de Inventário: WIL 7/80 b

Partitura de verbalização do poema MAR AZUL de Ferreira Gullar.  
33 x 23,3 cm (cada)  
2/8/1957  
Registro de Inventário: WIL 7/82 a1 e a2 (2 partes)

Fotografia grupo Ars Nova.  
18,4 x 24 cm.  
22/10/1956  
Registro de Inventário: WIL 7/92 i  
Fotógrafo: não identificado

Fotografia Grupo Ars Nova.  
18,4 x 24 cm.  
22/10/1956  
Registro de Inventário: WIL 7/92 g  
Fotógrafo: não identificado

Partitura de verbalização do poema Seta de Augusto de Campos.  
33 x 22 cm  
S/D  
Registro de Inventário: WIL7/100

Partitura de verbalização do poema "Pomba" de José Lino Grünewald.  
16,4 x 21,8 cm (cada)  
S/D  
Registro de Inventário: WIL7/108 a - b (2 partes)

Partitura de verbalização do poema "Silêncio" de Haroldo de Campos.  
16,2 x 21,8 cm (cada).  
S/D  
Registro de Inventário: WIL 7/109 a-b (2 partes)

Estudo de partitura de verbalização do poema concreto "fere, fera" de Reynaldo Jardim.  
15,5 x 21,3 cm (cada)  
S/D  
Registro de Inventário: WIL7/97 a - b (2 partes)

Partitura de verbalização do poema "Um Movimento", de Décio Pignatari.  
33 x 22 cm (cada).  
Janeiro de 1957.  
Registro de Inventário: WIL 7/113 a-b-c (3 partes)

Partitura de verbalização do poema "Choque", de Ronaldo Azeredo.  
33 x 22 cm.  
Março de 1957.  
Registro de Inventário: WIL 7/114

Dossiê Movimento Ars Nova de novembro de 1954 a junho de 1957.  
33 x 22 cm.  
Novembro de 1954 a Junho de 1957.  
Registro de Inventário: WIL 7/124 a

Folheto da NT Associação de artes Visuais Novas Tendências.  
30 x 50 cm.  
09/12/1963  
Registro de Inventário: WIL 11/13

Prova de logo da Associação de Artes Visuais Novas Tendências.  
7,9 x 4 cm.  
S/D  
Registro de Inventário: WIL 11/14 b2

Prova de logo da Associação de Artes Visuais Novas Tendências.  
10 x 4 cm  
S/D  
Registro de Inventário: WIL 11/14 c1

Prova de logo da Associação de Artes Visuais Novas Tendências.  
21,5 x 4,3 cm.  
S/D  
Registro de Inventário: WIL 11/14 d2

Estudo de logo das tintas CIL para Casa Atlas.  
9,5 x 14,4 cm.  
S/D  
Registro de Inventário: WIL 12/24

Estudo de logo das tintas CIL.  
15 x 13,1 cm.  
S/D  
Registro de Inventário: WIL 12/32 d

Estudo de logo para as tintas CIL.  
23,4 x 10,6 cm.  
S/D  
Registro de Inventário: WIL 12/33 b

Legenda: Estudo de logo para as tintas CIL.  
Medidas: 23,4 x 10,6 cm.  
Data: S/D  
Registro de Inventário: WIL 12/33 d

Legenda: Estudo de composição.  
Medidas: 29,6 x 10,2 cm  
Data: S/D  
Registro de Inventário: WIL 13/37

Estudo para "partes entre planos" - 1967/1977  
15 x 22,4 cm.  
21/12/1977  
Registro de Inventário: WIL 15/88

Estudo.  
17,7 x 12,7 cm  
S/D  
Registro de Inventário: WIL 15/89

Estudo para objeto ativo.  
22,4 x 15 cm  
S/D  
Registro de Inventário: WIL 15/105

Estudo de composição e cores.  
31,5 x 20,7 cm  
S/D  
Registro de Inventário: WIL 15/120

Estudo de composição e cores.  
15 x 22,4 cm  
S/D  
Registro de Inventário: WIL 15/143

Estudo para pluriobjeto.  
33 x 21,7 cm.  
S/D  
Registro de Inventário: WIL 15/13

Estudo para pluriobjeto.  
33 x 21,6 cm.  
S/D  
Registro de Inventário: WIL 15/14

Poesia datiloscrita.  
30 x 21,8 cm  
S/D  
Registro de Inventário: WIL 16/10

Poesia datiloscrita.  
29,8 x 21,8 cm  
S/D  
Registro de Inventário: WIL 16/18

Poesia datiloscrita.  
29,8 x 21,8 cm  
S/D  
Registro de Inventário: WIL 16/22

Poesia datiloscrita.  
33 x 22,2 cm  
Fev. 1948  
Registro de Inventário: WIL16/45

Estudo para poema datiloscrito.  
21 x 16,2 cm  
S/D  
Registro de Inventário: WIL 16/264 a

Estudo para poema datiloscrito.  
21 x 16,2 cm  
S/D  
Registro de Inventário: WIL 16/264 b

Estudo para poema datiloscrito.  
21 x 16,2 cm  
S/D  
Registro de Inventário: WIL 16/264 c

canto santo.  
24 x 17 cm.  
S/D  
Registro de Inventário: WIL 16/228 b

Estudo para estampas.  
26 x 20 cm  
S/D  
Registro de Inventário: WIL 18/12 b1

Estudo para estampas.  
26 x 20 cm  
S/D  
Registro de Inventário: WIL 18/12 c1

Projeto de estampa.  
26 x 20,2 cm  
S/D  
Registro de Inventário: WIL 18/7 c

Projeto de estampa.  
26 x 20,2 cm  
S/D  
Registro de Inventário: WIL 18/7 d

Sem título.  
37,5 x 53,3 cm.  
S/D  
Registro de Inventário: WIL 17/61

Sem título.  
18,8 x 18,2 cm.  
1950  
Registro de Inventário: WIL 17/67

Cavalo e árvore.  
30,3 x 44 cm.  
1950  
Registro de Inventário: WIL 17/69

Estudo.  
2,8 x 15,4 cm  
S/D  
Registro de Inventário: WIL 16/267 b

Texto de Willys de Castro sobre a 11ª variação da partitura de verbalização do poema "um movimento" de D. Pignatari.  
33 x 22 cm  
Julho de 1947  
Registro de Inventário: WIL 7/115

# WILLYS DE CASTRO

MULTIPLA SÍNTESE

## CRÉDITOS

### REALIZAÇÃO

*Galeria de Arte Almeida e Dale*

### CURADORIA

*Denise Mattar*

### TEXTO

*Denise Mattar*

### FOTOGRAFIA

*Sérgio Guerini  
Romulo Fialdini*

### EQUIPE

*Eunice Maria Jesus  
Maria do Socorro dos Santos Macedo  
Miriam Cristina Vieira Lemes*

### AGRADECIMENTOS

*Airton Queiroz  
André Nobrega  
Antonio Celso Ribeiro  
Cacá Nobrega  
Cecília Bedê  
Cristiane Bloise  
David Forell  
Emerson Leão  
Fundação Edson Queiroz  
Gilberto Schlittler  
Instituto de Arte Contemporânea/IAC  
Jeane Gonçalves  
Jones Bergamin  
Marilucia Botallo*

### PRODUÇÃO EXECUTIVA

*Monica Tachotte*

### ASSISTENTE DE PRODUÇÃO

*Ricardo Oliveira      Miriam Lemes*

### PROJETO EXPOGRÁFICO E ILUMINAÇÃO

*Guilherme Isnard*

### DESIGN GRÁFICO

*MMO - Identidade Corporativa*

### ASSESSORIA DE IMPRENSA

*A4 Comunicação*

### MONTAGEM

*Eli Carlos Rodrigues - Lula  
Edivaldo Fernandes - Magrão*

*Myra Arnaud Babenco  
Orandi Momesso  
Paula Marques da Costa  
Randal Pompéu  
Raquel Arnaud  
Renata Secchi  
Reynaldo Dabus Abucham  
Ricardo Rutkauska  
Sílvio Frota  
Sylvio Nery  
Thiago Martins  
Vivan Pérez  
Zezito Marques da Costa*

### GALERIA DE ARTE ALMEIDA E DALE

R. Caconde, 152 • Jd. Paulista • São Paulo • SP • CEP 01425-010  
Telefone: +55 11 3882-7120 • galeria@almeidaedale.com.br  
www.almeidaedale.com.br



Almeida e Dale